

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC - SP
Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

Vivian Alencar Carvalho Cunha

Ironia e metáfora na crítica social em *Teoria do Medalhão*, de Machado de Assis
Um enfoque da Linguística Sistêmico-Funcional

Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

São Paulo
2021

Vivian Alencar Carvalho Cunha

Ironia e metáfora na crítica social em *Teoria do Medalhão*, de Machado de Assis

Um enfoque da Linguística Sistemico-Funcional

Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em atenção ao requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, sob a orientação da Professora Dra. Sumiko Nishitani Ikeda.

São Paulo

2021

Vivian Alencar Carvalho Cunha

Banca Examinadora

Profa. Dra. Sumiko Nishitani Ikeda (Orientadora) – PUC - SP

Profa. Dra. Maximina Maria Freire – PUC - SP

Profa. Dra. Fabiana Pastore - SME

*A Deus, fiel amigo e ajudador,
que por infinita misericórdia
cumpru o desejo do meu
coração. A Ti Senhor, devo
tudo!*

AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq) pelo processo de número 130045/2019-5.

This study was financed in part by the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq) by the process number 130045/2019-5.

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus por tudo que Ele tem feito por mim, em especial por colocar em meu caminho pessoas que me ajudaram nesta trajetória.

Ao meu esposo e ao meu filho por toda compreensão e paciência.

À minha mãe pelo ensinamento de vida.

À Professora Dra. Sumiko N. Ikeda, por me orientar e partilhar comigo ideias e saberes que contribuíram de forma efetiva para a minha formação acadêmica e humana. Obrigada pelo apoio e pela inspiração.

Aos meus queridos professores do programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, da PUC-SP, por contribuírem valorosamente para a construção e ressignificação dos meus conhecimentos em linguística.

À professora Dra. Viviane Y. da Cunha e Professora Me. Ilda Ferreira, por acreditar e apoiar a minha construção científica.

À professora Dra. Fabiana Pastore por estar comigo nos momentos turbulentos e por tecer opiniões que contribuíram para esta pesquisa.

À Maria Lúcia pelo carinho e pelo trabalho dedicado.

Aos colegas de classe, pela amizade e pelo conhecimento compartilhado, em especial à Bianca T. P. Lima, porque sonhamos juntas.

Somente não debes empregar a ironia, esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência, contraído por Luciano, transmitido a Swift e Voltaire, feição própria dos cétricos e desabusados.

(Assis,1970, p.114)

RESUMO

A meta do enquadre irônico é a entrega de uma avaliação implícita e um convite ao leitor/audiência para compartilhar da perspectiva do ironizador, o que torna a ironia especialmente adequada para a tarefa de expressar a crítica. O objetivo desta dissertação de mestrado é a análise da ironia que perpassa os diálogos entre pai e filho, no conto *Teoria do Medalhão*, de Machado de Assis, para entender o modo como o autor constrói psicologicamente seus personagens e, assim, por meio deles, lançar um olhar crítico sobre os costumes, comportamentos e a sociedade de sua época. A obra toca em temáticas universais como: preconceito, hipocrisia, convenções sociais, ciúme, ganância, usura e aparência sobre a essência. Nesse contexto, à parte, o fato de que um texto reconstrói uma certa versão da realidade, os aspectos estruturais podem ser vistos como um transformador discreto de um estilo em outro, ao alimentar a construção de uma metáfora global, dominante. Essa metáfora penetrante e difusa assegura a compreensão do texto dentro de uma certa perspectiva ideológica, graças as expressões metafóricas, ou seja, a metonímia, que possibilita recuperar o conteúdo presente no *frame* do leitor. A pesquisa tem o apoio da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e da teoria da metáfora. A análise mostra que as escolhas lexicogramaticais do texto não correspondem à ideologia subjacente na macroestrutura do discurso, sendo, pelo contrário invertidas, graças ao papel da ironia. Esse conteúdo implícito é recuperado graças à metáfora que conduz a compreensão, apoiada nas expressões metafóricas - o *frame* proporcionado pela metonímia - que possibilita a relação entre o que é dito com o que sugere o contexto sociocognitivo.

Palavras-chave: *Teoria do Medalhão*. Crítica Social. Ironia. Metáfora. Linguística Sistêmico-Funcional.

ABSTRACT

The goal of the ironic framework is an implicit delivery assessment and an invitation to the reader / audience to share the ironist's perspective, which makes irony especially suitable for the task of expressing criticism. The objective of this master's dissertation is the analysis of irony that extends over the dialogues between father and son, in Machado de Assis's *Teoria do Medalhão*, to understand how the author psychologically constructs his characters and, thus, through them, to take a critical look at the customs, behaviors and society of its time. The work touches on universal themes such as: prejudice, hypocrisy, social conventions, jealousy, greed, usury and appearance over essence. In this context, apart from the fact that a text reconstructs a certain version of reality, structural aspects can be seen as a discreet transformer from one style to another, by feeding the creation of a global, dominant metaphor. This pervasive and diffuse metaphor ensures understanding of the text within a certain ideological perspective, thanks to metaphorical expressions, that is, metonymy, which makes it possible to recover the content present in the reader's frame. The research is based on Systemic-Functional Linguistics (LSF) and the theory of metaphor. The analysis shows that the lexico-grammatical choices of the text do not correspond to the underlying ideology in the macrostructure of the discourse, being, on the contrary, inverted, thanks to the role of irony. This implicit content is recovered thanks to the metaphor that leads to understanding, based on metaphorical expressions - the frame provided by metonymy - that enables the relationship between what is said and what the socio-cognitive context suggests.

Keywords: *Teoria do Medalhão*. Social Criticism. Irony. Metaphor. Systemic-Functional Linguistics.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação Processos/Participantes/Circunstâncias	23
Quadro 2 - Metafunção Interpessoal	28
Quadro 3 - <i>Mood</i> e Modalidade	29
Quadro 4 - Avaliatividade Interna e Externa	33
Quadro 5 - Teorias que ancoram a análise do <i>Teoria do Medalhão</i>	44

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Relação de processos em Teoria do Medalhão	67
Gráfico 2 - Relação de atitude	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 PANORAMA HISTÓRICO E LITERÁRIO	18
1.1 Sobre Joaquim Maria Machado de Assis	18
1.2 Teoria do Medalhão.....	20
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
2.1 Linguística Sistêmico-Funcional	22
2.1.1 Metafunção Ideacional	23
2.1.2 Metafunção Interpessoal	27
2.1.3 Metafunção Textual.....	29
2.2 Avaliatividade	30
2.2.1 Os recursos de avaliatividade e sua distribuição na narrativa	30
2.2.1.1 Atitude	30
2.2.2 Fazendo uma leitura relacional	32
2.3 Linguística Crítica	34
2.4 Ironia.....	35
2.5 Metáfora	36
2.5.1 Metáfora no discurso	37
2.6 Metonímia.....	39
2.7 A Relação entre metonímia-metáfora	40
2.8 Escolhas lexicogramaticais e metáfora	41
2.8.1 Metáfora e coesão lexical	43
3 METODOLOGIA	45
3.1 Dados	45
3.2 Procedimento de Análise	45
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	48
4.1 Análise de registro	48
4.2 Análise do conto	49
4.3 Análise da metáfora	64
5 DISCUSSÃO GERAL DA ANÁLISE.....	66
5.1 Análise da transitividade	67
5.2 Análise da avaliatividade	68

CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS.....	73
ANEXO	79

INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado reúne literatura e linguística na sua vertente crítica, e ampara-se na concepção de literatura como uma realização artística da língua, embora a linguística nem sempre tenha recebido papel de destaque nessa reunião. Nesse contexto, ao entrar em contato com a proposta sistêmico-funcional da língua, vislumbrei a possibilidade de uma pesquisa que envolvesse a relação entre as escolhas linguísticas feitas na microestrutura do texto e a macroestrutura do discurso em que se encontram as relações e força e a ideologia envolvidas pela literatura.

A obra escolhida foi o conto *Teoria do Medalhão*, de Machado de Assis, um dos maiores nomes da literatura brasileira, cuja importância literária é assim descrita por Schwarz (1989 p.173): “foi possivelmente o maior escritor brasileiro, e com certeza o mais reconhecido e festejado em vida, pela magistralidade de seus textos intrigantes, que prendem a atenção do leitor, convidando-o a tentar desvendar as pistas deixadas nas entrelinhas”.

Em *Teoria do Medalhão*, Machado de Assis, lança um olhar crítico sobre os costumes, comportamentos e a sociedade de sua época. A obra toca em temáticas universais como o preconceito, a hipocrisia, as convenções sociais, o ciúme, a ganância, a usura e a aparência sobre a essência, e o faz por meio da ironia. A meta do enquadre irônico de um significado é a entrega de uma avaliação implícita e um convite ao leitor/audiência para compartilhar da perspectiva do ironizador. Isso torna a ironia especialmente adequada para a tarefa de expressar a crítica.

O conto, publicado originalmente em 1881, no jornal *Gazeta de Notícias* e inserido na coletânea *Papéis Avulsos* no ano seguinte, abarca um diálogo entre o pai que, após o jantar comemorativo de 21 anos de seu filho Janjão, presenteia-o com alguns conselhos. As ideias que emergem dessa conversa, se fundem num jogo delicado e indireto, aparentemente apenas conselhos de um pai preocupado com futuro de seu filho, mas que, a genialidade do autor, nos convida a ler o texto nas suas subjacências.

Digno de nota é a estrutura de *Teoria do Medalhão*, diferente da usada em geral para esse gênero: apenas dois personagens, um cenário, uma conversa que pode ser considerada um monólogo, ausência de uma narrativa, de um clímax, sem

acontecimentos curiosos ou importantes. Neste cenário são as ideias e as intenções relacionadas que ganham o destaque; elas são as protagonistas, propondo esse jogo de contradições que instigam o interlocutor.

Para tanto, é importante citar o trabalho de Mikhail Bakhtin (BAKHTIN, 1935 [1981], 1953 [1986]), que proporcionou aos teóricos literários e linguistas a consciência da característica profundamente endereçadora dos chamados textos monológicos. Nessa perspectiva, os textos escritos estabelecem, por meio de significados textuais, um diálogo virtual com os leitores, diálogo este incorporado no texto e com o qual os leitores se relacionam conforme realizam seu processamento.

A propósito, Macken-Horarik (2003) examina o complexo de atributos oriundos da reação do leitor ao texto, incluindo: a habilidade de ler textos de maneira relacional; a sensibilidade em relação à hierarquia de vozes e valores que ocorrem no texto; e a atenção para formas tanto explícitas quanto implícitas de avaliação. A relação entre a narrativa e as respostas de empatia ou de crítica dos leitores, forma um conjunto intertextual por meio do qual pode-se entender a mensagem do texto.

Por outro lado, a linguística crítica, proposta de Fowler (1991), propõe relacionar um método de análise linguística textual com uma teoria social da linguagem em processos políticos e ideológicos, recorrendo à Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1978, 1985). O ponto teórico principal na análise de Fowler é de que *qualquer* aspecto da estrutura linguística carrega significação ideológica - seleção lexical, opção sintática, etc. – todos têm sua razão de ser. Há sempre modos diferentes de dizer a mesma coisa, e esses modos não são alternativas acidentais. Diferenças em expressão trazem distinções ideológicas e assim diferenças de representação.

Essa maneira de analisar o texto integra a posição de Kitis e Milapides (1997). Afirmam os autores que, embora se possa afirmar que a linguística crítica deva examinar a língua como discurso, i.e., como texto inserido nas condições sociais de produção e interpretação para ser identificado independentemente e examinado conforme o texto é subordinado a elas (FAIRCLOUGH, 1992), uma análise inteiramente linguística, empregando todos os métodos e instrumentos que essa disciplina oferece, pode também revelar essas condições.

Assim, a análise não pode restringir-se às unidades gramaticais como sentenças ou estruturas menores do texto. Ao mesmo tempo em que se presta

atenção às estruturas lexicais e gramaticais do texto, a análise considera essas estruturas dentro de um enquadre de uma metáfora que não só permeia e domina todo o artigo, mas também forma a espinha dorsal da sua estrutura argumentativa. Essa metáfora penetrante e difusa assegura a compreensão do texto dentro de uma certa perspectiva ideológica, graças às expressões metafóricas, ou seja, a metonímia, que possibilita recuperar o conteúdo presente no *frame* do leitor. O que se salienta nessa análise multinivelada é a preponderância de certas suposições de natureza ideológica, que, embora não formem parte da estrutura formal do texto, são aspectos de interpretação sub-repticiamente insinuados no subtexto do texto.

A pesquisa tem, assim, o apoio da proposta teórico-metodológica da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) que possibilita relacionar as escolhas lexicogramaticais na microestrutura do texto com a ideologia e as relações de força subjacentes na macroestrutura do discurso.

A análise deve responder às seguintes perguntas: (a) De que forma, as escolhas lexicogramaticais do texto relacionam-se com a ideologia subjacente da macroestrutura do discurso? (b) Qual é o papel da ironia na construção da crítica social em *Teoria do Medalhão*? (c) Qual é o papel da relação entre metonímia e metáfora nessa construção?

Esta dissertação de mestrado insere-se no grupo de pesquisa ACLISF (Análise Crítica e Linguística Sistêmico-Funcional), coordenado pela professora Dra. Sumiko N. Ikeda. Cito alguns trabalhos realizados pelo grupo que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa, são eles: A crítica social em *Capitães de Areia*: um enfoque da Gramática Sistêmico-Funcional, de R. M. Montefusco, (mestrado, 2015); *Missa do Galo*, de Machado de Assis, e a avaliatividade implícita: um enfoque da Linguística Sistêmico-Funcional, de M. do S. S. Montenegro, (mestrado, 2018); Empatia e ética: avaliatividade no conto Negrinha: um enfoque da Linguística Sistêmico-Funcional, de G. Reginato, (mestrado, 2019). Esses trabalhos têm como meta examinar a relação entre a linguística e a literatura e, ao mesmo tempo em que apresenta a beleza das criações literárias, também nos mostram como essa relação pode contribuir para expandir o entendimento do leitor para mensagens por vezes subjacentes ao texto.

Esta pesquisa alberga a seguinte estrutura: Introdução, 1. Panorama histórico e literário; 2. Fundamentação teórica 3. Metodologia; 4. Análise e discussão dos

resultados, 5. Discussão Geral da Análise e por fim, considerações incluindo as referências e anexos.

1 PANORAMA HISTÓRICO E LITERÁRIO

Antes de apresentar as teorias que embasam esta pesquisa, faz-se necessário discorrer, concisamente, sobre o panorama histórico e literário do autor.

1.1 Sobre Joaquim Maria Machado de Assis

Machado de Assis ocupa hoje uma posição singular perante a tradição crítica e historiográfica de literatura; Candido (2010) traz em sua *Iniciação à Literatura Brasileira*, um breve relato sobre a vida do autor: da infância pouco se sabe, apenas que frequentou a escola durante o ensino primário; autodidata, alcançou o reconhecimento que pouquíssimos escritores conseguiram. “Machado de Assis era dotado de raro discernimento literário e adquiriu por esforço próprio uma forte cultura intelectual, baseada nos clássicos, mas aberta aos filósofos e escritores contemporâneos” (CANDIDO, 2010, p.65).

Além de sua origem humilde, Schuwarz (2010, p.173), refere-se ao fato de que Machado de Assis “tinha cor escura, filho de operário, ao que se acrescenta uma leve gagueira e o mal epilético”. Aos quinze publica seus primeiros versos, como o soneto “À Ilma. Sra. D.P.J.A”, no Periódico dos Pobres, identificado como *Petronília*, por Raimundo Magalhães Junior, em 1981. Desde então, escreveu poemas para o jornal bimensal de notícias *Marmota Fluminense*, trabalhou como aprendiz de tipógrafo, revisor, balconista-escriturário, foi colaborador de diversos periódicos, escreveu peças de teatro, contos e publicou romances.

Segundo Candido, a obra de Machado de Assis é uma das primeiras surgidas no país a não mais ser classificada em uma literatura em formação, mas sim madura e independente. “Ele realiza uma bem-sucedida carreira no circuito literário do Brasil, aproveitando elementos desenvolvidos superficialmente por seus antecessores, como José de Alencar” (1975, p.104).

Os primeiros contos machadianos são fracos e indecisos, segundo Pereira (1949), mas, a partir da coletânea *Papeis Avulsos*, de 1882, eles adquirem uma qualidade extrema, tornando o autor o mestre do gênero:

Se Machado fosse pintor, certamente os seus estudos valeriam mais do que as grandes telas. Para o romancista, os contos equivalem a estudos. Assim encaradas, as histórias de Machado de Assis ganham significação que as liga entre si. Foram, na sua melhor parte, estudos sobre alguns temas (PEREIRA, 1949, p. 168).

Para a crítica, o autor realista busca nos contos fisgar o leitor pelo enredo bem arquitetado, intrigando-o com questões não resolvidas. Além disso, o modo pelo qual Machado de Assis representa a realidade, trazendo a sutileza do não-dito, das entrelinhas, permite as ambiguidades e o diálogo entre os diversos sentidos, havendo sempre uma dualidade: “paralelamente ao que acontece, há sempre o que parece estar acontecendo” (GOTLIB, 2006, p. 78). Pereira (1949), ressalta que a narrativa é estruturada a partir dos gestos, olhares, cochichos e entrelinhas, e essas nuances são transferidas ao leitor, podendo, assim, atormentá-lo.

Críticos como Antônio Candido, Sônia Brayner, Jaison Luís Crestani, Lúcia Pereira, Nelson Werneck Sodré, Roberto Schuwarz, entre outros, classificam a obra de Machado de Assis em duas fases distintas: uma romântica e outra realista, sendo a segunda muito mais expressiva.

Na primeira fase os personagens apresentam características românticas, como podemos observar em: *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878). Na segunda fase, o autor dá ênfase aos traços psicológicos dos personagens, fugindo do estilo de sua época e caracterizando o realismo literário, que de acordo com Candido (2010), “lhe permitiu liberdade e garantiu a singularidade de sua obra”. São dessa fase os contos: *Papeis avulsos* (1882), *Histórias sem datas* (1884), *Várias histórias* (1896) e os romances: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), *Esaú e Jacó* (1904) e *Memorial dos Aires* (1908).

Para Sodré (1938), somente após uma breve fase romântica é que o autor conquista a consagração em sua fase madura. “Depois, e com intervalo curto, evolui para uma posição realista inequívoca, embora não ligada à forma de expressão que o realismo assumiu com a escola naturalista, que teve o senso de desprezar” (SODRÉ, 1938, p. 557 *apud* PERROT, 2006, p. 143).

O afastamento de Machado de Assis às modas literárias, segundo Antonio Candido (2010), permitiu-lhe liberdade e singularidade, que torna sua obra produto extremo do requinte e fascinante clareza, que encobre significados complexos e de difícil avaliação. Ainda de acordo com Candido, Machado de Assis foi “o primeiro escritor que teve noção exata do processo literário brasileiro, devido a alguns artigos de rara inteligência crítica” (CANDIDO, 2010, p.67).

Machado de Assis faleceu em 29 de setembro de 1908, em sua cidade natal, Rio de Janeiro e sua obra permanece atemporal como definiu o crítico em seu “Esquema de Machado de Assis”:

Nas obras dos grandes escritores é mais visível a polivalência do verbo literário. Elas são grandes porque são extremamente ricas de significado, permitindo que cada grupo e cada época encontrem obsessões e as suas necessidades de expressão. Por isso, as sucessivas gerações de leitores e críticos brasileiros foram encontrando níveis diferentes em Machado de Assis, estimando-o por motivos diversos e vendo nele um grande escritor devido a qualidades por vezes contraditórias (CANDIDO, 2004, p.32).

Num complexo estudo sobre a sociedade contemporânea de Machado de Assis, Raymundo Faoro (1988) aponta o período como uma espécie de momento de transição ou o momento de “confluência de duas épocas” (FAORO, 1988, p. 15): a convivência entre uma classe em ascensão e o estamento. A primeira composta por aqueles que conseguiram alcançar uma projeção econômica (sejam banqueiros, comerciantes, capitalistas ou proprietários de terras e/ou escravos); a segunda composta pelos fidalgos que conviviam com a nobreza há gerações, essas relações privilegiadas que ainda hoje observamos no seio social faz de *Teoria do Medalhão* um conto atemporal.

1.2 Teoria do Medalhão¹

Tecido em forma de diálogo, *Teoria do Medalhão* desenvolve uma estrutura muito próxima a de um monólogo, com apenas duas personagens: O pai e seu filho Janjão, que com um “modesto jantar” comemorava seu vigésimo primeiro aniversário.

¹ O texto na íntegra encontra-se no anexo 1.

Após a saída do último conviva, o pai, anuncia seu desejo de ter uma conversa séria com o filho, que acaba de atingir a maior idade. O primado do monólogo paterno tem como ponto de partida o desejo de notoriedade, fórmula do sucesso que compõe a teoria.

O pai e professor da teoria tenta incutir no filho a ideia de tornar-se medalhão, e demonstra consternação ao revelar que este sempre foi o futuro que almejou para si, mas que lhe faltou às devidas instruções e que agora consolar-se-ia na esperança de que o filho pudesse seguir o caminho que ele mesmo não teve a chance de trilhar.

A Janjão, cabe o árduo ofício de soffrear-se, de tornar-se um homem público de ideias vazias, suprimir seu intelecto, deixando para trás qualquer aspecto de sua real personalidade num exercício cínico e dissimulado de anestesiá-lo, evitando o que é original, característica fundamental que distingue o medalhão completo do medalhão incompleto.

O discurso apresentado pelo pai segue o percurso (contra)intelectual, no intuito de que Janjão se torne um repetidor das ideias comuns, reproduzindo, não por acaso, as ideias dominantes, cuja materialização se dá na própria figura do medalhão, que segundo Villaça, (2008 p.36) é a estranha fusão entre a “farsa ideológica e o materialismo pragmático”.

No conto machadiano, apesar de o diálogo ser aparentemente sério e cheio de boas intenções, o discurso é permeado de ideias absurdas que levam ao riso e a reflexão, ao destacar os atributos do filho como “dotado da perfeita inófia mental”. O pai sugere a carreira de medalhão, deixando implícito suas impressões sobre o filho, que, por sua vez, demonstra submissão aos apontamentos de seu pai, sem sequer refletir sobre o que de fato está sendo dito.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Apresento a seguir as teorias que apoiam a análise do conto machadiano *Teoria do Medalhão: Metarrelações* (MACKEN-HORARIK, 1996, 2003), Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994, 2004), ironia (EL REFAYE, 2005), avaliatividade (MARTIN, 2000, 2003), metáfora (LAKOFF; JOHNSON, 1980; KÖVECSES, 2005; CHARTERIS-BLACK, 2004).

2.1 Linguística Sistêmico-Funcional

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) é uma proposta teórico-metodológica de Halliday (1994), Halliday e Matthiessen (2004) e seus colaboradores e estabelece que o uso da língua é funcional; sua função é construir significados; os significados são influenciados pelo contexto social e cultural em que são intercambiados; e o processo de uso da língua é um processo semiótico, um processo de fazer significado por meio de escolhas. A LSF estabelece que a língua está estruturada para construir três tipos de significados simultâneos: ideacional, interpessoal e textual, graças a um nível intermediário de codificação - a lexicogramática. Importante para a LSF é a noção de escolhas, tendo em vista que, quando se faz uma escolha no sistema linguístico, o que se escreve ou o que se diz adquire significado contra um fundo em que se encontram as escolhas que poderiam ter sido feitas, mas que não o foram, fato importante na análise do discurso. Essas escolhas são descritas em termos funcionais para que sejam significativas semântica e pragmaticamente.

A metafunção ideacional representa os eventos das orações em termos de *acontecer, fazer, sentir, significar, ser e tornar-se*, por meio do sistema da transitividade, que constrói o mundo da experiência em um conjunto manipulável de tipos de processo, participante e circunstância; a metafunção interpessoal envolve as relações sociais com respeito à função da oração no diálogo, e referem-se a dar/pedir informação ou bens & serviços, envolvendo a modalidade (modalização via probabilidade e frequência) e modulação (via obrigatoriedade e inclinação); a metafunção textual organiza os significados ideacionais e interpessoais de uma

oração, trabalhando os significados advindos da ordem das palavras na oração em termos de tema e rema.

2.1.1 Metafunção Ideacional

A metafunção ideacional representa os eventos das orações em termos de fazer, sentir (processamento simbólico) ou ser, por meio da transitividade, que constrói o mundo da experiência em um conjunto manipulável de tipos de processo, participante e circunstância. As línguas capacitam o ser humano a construir um quadro mental da realidade, para que ele entenda o que acontece ao seu redor e no seu interior (HALLIDAY, 1994, p.106). A oração tem aqui um papel central, porque ela incorpora um princípio geral de modelagem da experiência- i.e., o princípio de que a realidade é feita de processos.

A metafunção ideacional está ancorada no sistema da transitividade, conforme Quadro 1.

Quadro 1 - Relação Processos/Participantes/Circunstâncias

Processos	Participantes e Circunstância
Material	Janjão fecha <u>a porta</u> <u>do nosso modesto jantar.</u> Ator Meta circunstância
Mental	Janjão percebia <u>as dificuldades do cargo.</u> Experienciador fenômeno
Relacional	(a) Atributivo: <u>A vida,</u> é <u>uma enorme loteria.</u> Portador atributo (b) Identificativo: Qualquer que seja <u>a teoria das artes</u> Identificador
Verbal	(eu) Não <u>te</u> aconselho <u>esse artifício.</u> Dizente receptor verbiagem
Existencial	Há <u>infinitas carreiras diante de ti.</u> Existente
Comportamental	Arrebentar <u>de riso</u> <u>os suspensórios.</u> circunstância comportante

Fonte: Elaborado pela autora com base em Halliday (1994)

Há seis categorias de processos, cada uma delas associando-se a participantes específicos. De acordo com Halliday, em princípio agrupamos os processos que representam as experiências externas – *material* – a experiência interna – *mental* – e àquele que se referem à identificação e caracterização – *relacional*. Em seguida, temos mais três processos que segundo o autor estão na fronteira dos três primeiros, sendo: *comportamental* (corresponde à manifestação de atividades psicológicas), *verbal* (corresponde às atividades linguísticas dos participantes) e *existencial* (que representa à existência dos seres). A fim de exemplificar, seguirei abaixo detalhando cada processo e seus participantes.

Processo material – são processos de fazer e acontecer, envolvem ações físicas e expressam a noção de que alguma entidade (ator) fez algo que pode atingir outra entidade (meta). O processo, neste caso pode ser realizado por verbos como: *abrir, fechar, formar, fundar, desenhar* entre outros verbos dependendo do contexto.

Janjão	fechou	<u>a porta</u>	e	abriu	<u>a janela.</u>
Ator	MATERIAL	meta			meta

Processo mental - são processos de sentir (HALLIDAY, 1994) e dizem o que ocorre (fenômeno) no mundo interior, na mente do (experienciador). Os verbos que compõem essa categoria são: perceptivos - *cheirar, desconfiar, distinguir...*, cognitivos - *achar, acreditar, adivinhar...*, desiderativos - *almejar, ansiar, desejar...* e emotivos - *abominar, aborrecer, adorar, amar...* entre muitos outros que se referem à afeição e cognição.

<u>Meu</u>	desejo	<u>é que te faças grande e ilustre.</u>
Experienciador	MENTAL	fenômeno

Processo relacional – são de ser, estar e ter. Eles estabelecem uma relação entre duas entidades diferentes, e a função deles é somente sinalizar a existência da relação, ocorrendo sempre um só Participante no ‘mundo real’, pois o outro participante é um mero atributo que lhe pertence. Os verbos típicos desse tipo são: *ter, possuir, envolver, ser, estar*, de acordo com o contexto.

	<u>O brilhar</u>	é	<u>excelente</u>	
(a) Atributivo:	Portador	RELACIONAL	Atributo	
(b) Identificativo:	<u>A ideias</u>	são	<u>do pai</u>	
	Identificado	RELACIONAL	Identificador	

Processo verbal – são processos do *dizer*. São representados pelos diversos verbos expressos nos mais variados tipos de discursos, dada a sua característica predominante de fala, podem auxiliar no texto narrativo, tornando possível a existência de passagens dialógicas. Os participantes das orações verbais são, tipicamente, dizente, verbiagem, receptor e alvo.

O sábio que disse “ <u>a gravidade é um mistério do corpo</u> ”.	
Dizente	VERBAL citação

Processo existencial – são aqueles que expressam a existência de uma entidade, o Existente, sem relacioná-la com qualquer outra coisa. O verbo típico da oração existencial é *haver* (em sentido de existir), *existir, ter* mas pode ocorrer com outros verbos dependendo do contexto.

Há	<u>benefícios na publicidade</u>
EXISTENCIAL	existente

Processo comportamental – são processos que se referem às ações físicas, porém como resposta a um estado mental: *rir, chorar, dormir*, entre outros, que provocam atividades físicas.

O filho	tremia	de nervoso
Comportante	COMPORTAMENTAL	

Considerando os processos, diz Halliday (1994) que é comum dizer: *tomar* banho, *fazer* um trabalho, *ter* um descanso, *cometer* um erro. O verbo neste caso é considerado lexicalmente “vazio”; o processo da proposição é expresso pelo nome funcionando como escopo. A principal razão para essas construções é a possibilidade de adjetivação do nome “avaliação”, já que seria difícil encontrar um verbo para: tomar um banho *quente*, cometer três erros *sérios*, dar uma olhada *rápida*, dar *aquele* sorriso, realizar revisões *menores*.

Comparemos:

O joalheiro ainda não fez a avaliação.
O joalheiro não avaliou ainda ...

Se o escopo (avaliação) fosse substituído por um processo (avaliou), essa construção, de um lado, exigiria uma meta explícita (avaliou o quê), e de outro não poderia ser explicitada pelo artigo definido “a”.

Dando prosseguimento aos processos, a LSF propõe a noção de metáfora de processo, assim explicado por Kitis e Milapides (1997). Os autores, analisando um artigo de jornal, mostram que a utilização de determinados processos para representar outros, possibilita ao escritor/falante posicionar-se, dar ênfase ou enfraquecer sua crítica, além de poder preservar sua face em relação ao que diz (c.f. Teoria da Polidez de Brown e Levinson, 1987). Eles mostram como exemplo o processo LEMBRAR, processo mental, interpretado como processo material (e, assim, ameaçador) em “A Grécia está **lembrando** o mundo de que ela também é um país dos Balcãs”.

Por fim, o sistema da transitividade envolve as circunstâncias, ampliam o sentido da oração, definindo o contexto no qual uma proposição ocorre (HALLIDAY, 1994). Em termos de significado, elas se associam aos processos referindo-se à

localização do evento no tempo (quando?) ou espaço (onde?), modo (como?) ou causa (por que?) (FUZER; CABRAL, 2014, p.53).

A visão funcional da LSF das escolhas linguísticas como índices de significados cruza com a análise do discurso crítica: ambas são guiadas pela suposição subjacente de que as formas linguísticas e as escolhas expressam significados ideológicos. A LSF oferece um instrumento analítico específico para o exame sistemático das relações de poder no texto bem como das motivações, propósitos, suposições e interesse dos produtores do texto.

Com seu foco na seleção, categorização e ordenação do significado nas microestruturas no nível da oração, mais do que no macro nível do discurso, a LSF é especialmente útil para uma análise sistemática, com enfoque nos traços linguísticos no micronível dos textos do discurso, fornecendo intravisiões críticas na organização dos significados no texto. Como Martin e White (2005, p. 7) explicam, "a LSF é um modelo multiperspectivo, designado a dar aos analistas lentes complementares para a interpretação da língua em uso".

A análise do discurso conta com a participação da noção de avaliatividade rótulo para uma coleção de recursos semânticos para negociar emoções, julgamento e apreciação, que ampliou o poder analítico da metafunção interpessoal que é explicada a seguir.

2.1.2 Metafunção Interpessoal

A oração, além de informar (metafunção ideacional), está organizada como um evento interativo (metafunção interpessoal), envolve o falante (ou escritor) e a audiência (ou leitor). Para Halliday (1994), os papéis de fala são apenas dois: *dar* e *pedir* – informação ou bens & serviços. Desta forma, o falante/escritor não está realizando apenas algo para si, mas também está demandando algo à audiência/leitor, assim, diz (1994 p.68), que se trata de uma troca em que dar implica receber e pedir implica dar em resposta.

Na troca de informação, a oração assume a função semântica de *proposição* e na troca de bens & serviços a função assumida é a de *proposta*. Na metafunção

interpessoal, pode-se ver a oração dividida em duas partes essenciais: *mood*² (incluindo, sujeito + finito) e resíduo (incluindo, predicador, complemento e adjunto circunstancial). O *mood* estabelece as relações entre papéis de falante e ouvinte, por meio de verbos modais ou adjuntos modais e também o tempo primário e a modalidade, conforme o Quadro 2.

Quadro 2 - Metafunção Interpessoal

<i>Mood</i>		Resíduo		
Sujeito	Finito	Predicador	Complemento	Adj. Circunstancial
JOÃO PRECISA ESTUDAR A LIÇÃO				
(a) João	precisa Modulação de Obrigação	estudar Predicador	a lição Complemento	
JOÃO ESTUDAVA A LIÇÃO				
(b) João	-va Tempo Primário	estuda- Predicador	a lição Complemento	ontem Adj. Circunstancial

Fonte: Halliday (1994)

Nessa análise, o *mood* inclui a modalidade, definidos respectivamente, como:

- (a) *mood* é o recurso gramatical para se realizarem movimentos interativos no diálogo (MARTIN; MATTHIESSEN; PAINTER, 1997, p. 58). Esse sistema não só apresenta alternativas para a realização da interação (modos declarativo, imperativo e interrogativo), como também realiza, no nível lexicogramatical, as proposições e propostas.
- (b) modalidade expressa significados relacionados ao julgamento do falante em diferentes graus sobre o conteúdo da mensagem, abrangendo:
 - (i) modalização (probabilidade + frequência) – quando se refere à proposição (troca de Informação);
 - (ii) modulação (obrigação + desejabilidade) – quando se refere à proposta (troca de bens & serviços), conforme o Quadro 3:

² *Mood* tem sido traduzido por Modo (com inicial maiúscula). Mantivemos o termo inglês para evitar confusão como Modo (variável de registro) em início de sentença.

Quadro 3 – Mood e Modalidade

PEDIR	DAR	Produto	MODALIDADE	
Informação		Proposição → (Informação)	Modalização	<u>probabilidade</u> (epistêmica): <i>talvez</i>
Quando?	Amanhã.			<u>frequência</u> : <i>sempre</i>
Bens e Serviços		Proposta → (Bens & Serviços)	Modulação	obrigação (deôntica): <i>deve, precisa</i>
Me dá isso?	Toma.			<u>desejabilidade</u> : <i>quero</i>

Fonte: Halliday (1994)

2.1.3 Metafunção Textual

A metafunção textual organiza os significados ideacionais e interpessoais de uma oração, trabalhando os significados advindos da ordem das palavras na oração, com enfoque no sistema de *tema* e *rema*.

O modo como uma informação é expressa pode interessar mais do que a própria informação, segundo Mathesius (1947), citado por Firbas (1974). Foi ele quem começou a estudar a questão do significado que advém da ordem das palavras na oração, influenciado pelas ideias de H.Weil (1844). Em seu conhecido artigo de 1939, Mathesius define o "ponto de partida do enunciado (*východisko*)" como "o que é conhecido ou pelo menos óbvio em uma dada situação e do qual o falante parte", enquanto "o núcleo do enunciado (*jádro*)" é "o que o falante afirma a respeito do ponto de partida do enunciado".

Segundo Halliday (1994), das várias estruturas que constroem uma oração, uma tem a função de lhe dar o caráter de mensagem, conhecida como estrutura temática. Ele usa o termo Tema como rótulo para essa função. "Tema é o elemento que serve como ponto de partida da mensagem; é aquilo de que trata a oração." (1994: 37); e vem em primeiro lugar na oração O resto da mensagem, a parte na qual o Tema é desenvolvido, é chamado de Rema. Hoje, muitos linguistas não concordam com essa maneira de considerar o Tema, que foi estudado na língua inglesa.

A seguir, será apresentada a noção de avaliatividade, que aumentou o poder analítico da LSF.

2.2 Avaliatividade

Os leitores são sensíveis a síndromes ou complexos de significado atitudinal e aos modos como confirmam, opõem-se ou transformam escolhas de palavras em outros locais do texto, explica Macken-Horarik (2003). Essas configurações de escolhas avaliativas relevantes criam o que Thompson (1998) denomina “ressonância” – uma harmonia de significados que é um produto de uma combinação de escolhas não identificáveis com qualquer outra escolha, consideradas isoladamente.

Como veremos na análise do modo de avaliatividade, as expressões de ATITUDE evocadas [implícitas] e inscritas [explícitas] entram numa espécie de dança através do texto criando um espaço semântico mais amplo que, por si, se torna avaliativo. Outros perceberam esse fenômeno em estudos de avaliação. Hunston e Thompson (2000), por exemplo, tratam da complexidade de sua realização em diferentes discursos e Lemke (1998) sobre a qualidade propagativa da avaliação. A esse respeito – embora algumas partes do texto possam ser mais ou menos interpessoalmente salientes do que outras - precisamos ver todo o texto como aberto para e criativo de avaliação, seja ela implícita ou explícita.

2.2.1 Os recursos de avaliatividade e sua distribuição na narrativa

Avaliatividade é o rótulo para uma coleção de recursos semânticos para negociar emoções, julgamento e apreciação. Incluem recursos graduáveis para a avaliação de pessoas, lugar e coisas de nossa experiência (ATITUDE), para ajustar nosso compromisso com o que avaliamos (ENGAJAMENTO) e para aumentar ou abaixar a avaliação (GRADUAÇÃO).

2.2.1.1 Atitude

Martin (2000) descreve a ATITUDE em termos de três dimensões: AFETO, JULGAMENTO e APRECIÇÃO. AFETO é o recurso distribuído para construir respostas emocionais (felicidade, tristeza, medo, ódio, etc.); JULGAMENTO é disposto para construir avaliações morais de comportamento (ético, decepcionante, bravo, etc.); APRECIÇÃO constrói a qualidade estética dos processos semióticos do texto, e fenômenos naturais (notável, desejável, harmonioso, elegante, inovador, etc.) (MARTIN, 2000, p.145-146). AVALIAÇÃO SOCIAL - uma subcategoria de Apreciação, refere-se à avaliação estética, positiva ou negativa, de produtos, atividades, processos ou fenômenos sociais.

Esse sistema possibilita mostrar se uma palavra ou a fase inteira carrega um viés positivo ou negativo para o avaliador. Embora as avaliações possam ser não marcadas ou mistas (tanto positiva ou negativa em diferentes modos), em geral um trecho do texto comunica viés ou positivo ou negativo. A carga também fornece a coerência interpessoal a trechos do texto – conferindo um brilho positivo ou negativo à fase uma em relação à outra.

Há dois modos básicos de avaliatividade que são importantes para a narrativa: avaliatividade inscrita e evocada. Elas podem ocorrer separadamente ou combinadas de diferentes modos dentro de uma fase do texto. A avaliatividade inscrita torna a atitude explícita por meio de léxico avaliativo ou de sintaxe. Ela se introduz diretamente no texto através de epítetos atitudinais ou relacionais ou adjuntos de comentário.

A avaliatividade evocada é alcançada pelo enriquecimento do léxico de algum tipo através de um ou mais trechos do texto e pode envolver uma infusão sutil de sentimento na sequência do evento. É o que Martin (2000) chama de *tokens* de ATITUDE e são mais difíceis de perceber do que as inscritas porque seu significado é mais de transferência do que literal. Contudo a avaliatividade evocada é importante porque é o mecanismo primário pelo qual o texto se insinua nas atitudes do leitor.

Evidentemente a avaliatividade evocada torna toda a tarefa da análise linguística mais difícil. Mas mesmo as expressões abertamente atitudinais são vozeadas por personagens e daí relativizadas pelo texto.

Macken-Horarik (2003) apresenta também um enquadre para investigar a compreensão responsiva ativa da narração. Ela tenta mostrar como os recursos linguísticos para a construção de emoção e de ética são dispostos de maneira

específica para cocriar complexos de significados de ordem superior, ou metarrelações, que posicionam os leitores a adotar atitudes específicas em relação aos personagens no decorrer de um texto. Em termos linguísticos, seu estudo apoia-se na pesquisa da semântica avaliativa feita na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), chamada avaliatividade (tradução de *appraisal*). Também se liga aos trabalhos dos systemicistas Jay Lemke (1989, 1992, 1998) e Paul Thibault (1989, 1991), que enriquecem as perspectivas linguísticas do significado interpessoal.

Lemke (1989) ampliou o termo axiologia, de Bakhtin, para capturar a complexa orientação de valores de textos e práticas textuais. Para ele, os textos constroem modelos hipotéticos de seus destinatários e do mundo discursivo de vozes competidoras, no qual serão lidos. Eles se posicionam em relação a interlocutores reais e possíveis e em relação ao que eles mesmos e os outros possam dizer. Essa visão fundamentalmente dialógica do texto foi introduzida por Bakhtin juntamente com a noção de heteroglossia: de que todas as vozes sociais divergentes (classes, gêneros, movimentos, épocas, pontos de vista) de uma comunidade formam um sistema intertextual, no qual cada um deles é necessariamente ouvido. Bakhtin mostrou que as relações que os textos constroem juntamente com essas vozes são tanto ideacionais (representativamente semânticas) quanto axiológicas (orientadas a valores).

Na pesquisa de Macken-Horarik (2003), há dois aspectos da axiologia textual relevantes a uma explicação do destinatário da narrativa. Primeiro, o leitor é convidado a uma posição de empatia - solidariedade emocional com, ou, ao menos, compreensão das motivações de um dado personagem. Segundo, espera-se que o leitor assuma uma postura de percepção-julgamento dos valores éticos adotados por um determinado personagem. A autora sugere que a narrativa ensina por meio de dois tipos de subjetividade - intersubjetividade (a capacidade de 'sentir com' um personagem) e a supersubjetividade (a capacidade de 'supervisionar' um personagem e avaliar eticamente suas ações).

2.2.2 Fazendo uma leitura relacional

Uma leitura relacional não é a mesma coisa que uma leitura correta. Há um nível de 'jogo' na estratégia de resposta disponível numa leitura literária. Além disso, a principal leitura relacional, que é privilegiada em exames, diferirá de outra em que se faz uma leitura crítica (ROTHERY, 1994; MACKEN-HORARIK, 1996) de CLICK. Evidentemente, uma leitura relacional (ou sinótica) da narrativa como um todo precisa ser feita através de um processamento passo a passo do texto. Uma interpretação bem sucedida, então, depende de duas habilidades:

- uma de processar as palavras do texto dinamicamente e
- outra de construir a relação semântica de cada fase com outra.

Numa perspectiva sinótica (leitura do todo, resumido), de retrovisão, os leitores reconhecerão que algumas fases confirmam, outras se opõem e ainda outras transformam o significado avaliativo de fases anteriores.

A percepção ética é o resultado de um conjunto de relações semânticas (ou metarelacões) com as que cocriam empatia. No caso de julgamento do correto ou do errado de um comportamento, vemos que as avaliações externas são cruciais. avaliações externas estabelecem um centro alternativo de avaliação.

Quadro 4 - Avaliatividade Interna e Externa

Metarelacão	Significado semântico
Confirmação	Fase que cria equivalência com fase(s) anterior(es) por meio de escolhas de avaliatividade semelhantes.
Oposição	Fase que cria contraste com fase(s) anterior(es) por meio de escolhas de avaliatividade opostas.
Transformação	Fase que cria mudança de significado em relação a fase(s) anterior(es) por meio de mudança nas escolhas de avaliatividade.
Avaliação interna	Fase que projeta a visão interior e os sentimentos do personagem.
Avaliação externa	Fase que verbaliza a visão interna e os sentimentos do personagem.

Fonte: Macken-Horarik (2003)

2.3 Linguística Crítica

Fairclough (1989), para quem a análise crítica do discurso representa uma orientação no estudo da língua que associa a análise do texto linguístico a uma teoria social do funcionamento da língua. A abordagem crítica inclui a Linguística Crítica, de Fowler et al (1979a, 1991), o trabalho de Fairclough sobre linguagem e poder (1989, 1992a, 1992b), a abordagem da análise do discurso desenvolvida por Pêcheux (1982), estudos culturais desenvolvidos mais recentemente (SCANNELL, 1991) e os trabalhos sobre linguagem e gênero (CAMERON, 1985, CALDAS-COUTHARD; COUTHARD, 1996, entre outros).

A linguística, segundo a ortodoxia predominante, é uma disciplina descritiva que não prescreve o uso da língua, nem avalia negativamente a substância de seus questionamentos. Entretanto, Fowler defende que, existe valores implicados no uso da língua, que deve ser justificável praticar um tipo de linguística direcionada para compreensão de tais valores. Essa é a vertente que se tornou conhecida como linguística crítica.

A Linguística Crítica é uma abordagem que foi desenvolvida por um grupo da Universidade de East Anglia na década de 1970 (FOWLER et al., 1979; KRESS; HODGE, 1979). Eles tentaram casar um método de análise linguística textual com uma teoria social da linguagem em processos políticos e ideológicos, recorrendo à teoria linguística funcionalista associada a Michael Halliday (1994) e conhecida como linguística sistêmico-funcional.

Fowler defende que qualquer aspecto da estrutura linguística carrega significação ideológica - seleção lexical, opção sintática, etc. – todos têm sua razão de ser. Há sempre modos diferentes de dizer a mesma coisa, e esses modos não são alternativas acidentais. Diferenças em expressão trazem distinções ideológicas e assim diferenças de representação.

Nesse contexto, Li (2010), para quem, apesar da série de abordagens à análise do discurso crítica, o que há de comum entre elas é a compreensão de como as ideologias sócio-políticas ou socioculturais estão entrelaçadas com a língua e o discurso, esta é a esteira que apoia a pesquisa.

2.4 Ironia

Na visão clássica, a ironia é empregada como figura retórica, assim Muecke (1995) informa-nos que em algumas traduções da *Arte Poética*, de Aristóteles, encontra-se o termo ironia, “como sendo uma versão da *peripeteia* (peripécia) aristotélica (súbita inversão de circunstâncias)” (MUECKE, 1995, p.30) – o que nos remete à ironia de situação. O termo *eironeia* é registrado pela primeira vez em *A República*, de Platão, como “uma forma lisonjeira, abjeta de tapear as pessoas” (MUECKE, 1995, p.31), pois uma das vítimas de Sócrates o teria caracterizado como um *eiron*.

Mais recentemente, alguns linguistas observaram que a dissensão social é em geral articulada por meios muito semelhantes à linguagem dominante, explica El Refaye (2005). Daí a dificuldade fundamental de encontrar uma nova linguagem para expressar a dissensão social. É aqui que a ironia se faz presente. O que dá à ironia seu potencial subversivo é o fato de que, enquanto um comentário irônico pode também estar intimamente relacionado a formas dominantes de falar sobre algum evento, ele simultaneamente vai além e subverte as próprias atitudes e opiniões que cita. A ironia pode, assim, encorajar os leitores a se conscientizarem e avaliarem o que seria, de outro modo, aceito sem questionamento: assim, essa consciência não precisa inventar uma linguagem de dissensão completamente nova.

A meta do enquadre irônico de um significado é em geral a entrega de uma avaliação implícita e um convite ao leitor/audiência para compartilhar da perspectiva do ironizador. Isso torna a ironia especialmente adequada para a tarefa de expressar a crítica, embora a avaliação implícita possa ser mais complicada e multinivelada do que uma pura desaprovação. Contudo, se não for identificada pelo receptor, a ironia simplesmente não é ironia.

De acordo com Clift (1999), a compreensão da ironia envolve a percepção de dois aspectos do significado ao mesmo tempo. A autora adota a distinção de Goffman (1979) entre animador, a pessoa que articula um enunciado, seu autor, a pessoa que o compõe, e seu principal, aquele que está comprometido com a proposição expressa no enunciado. A ironia, ela diz, emerge da manipulação deliberada dessas distinções – uma mudança de *footing* (alinhamento) – pelo ironizador. Sinalizando um *frame* (enquadre, conhecimento de mundo) distante acerca do que é expresso, torna-se

possível tanto afirmar quanto negar o que está no enquadre. A ironia, assim como o humor, apresenta-nos uma perspectiva dupla que invoca simultaneamente tanto o que é, quanto o que poderia ou deveria ser, dessa forma, apoia-se no sistema da avaliatividade, que envolve as versões explícita e implícita da avaliação do escritor sobre a mensagem e sobre o interlocutor.

2.5 Metáfora

A metáfora e a metonímia são hoje consideradas artifícios cognitivos pragmáticos básicos e úteis da língua (PANTHER; THORNBURG, 2004). Elas são encontradas tanto no domínio do significado linguístico (semântica) quanto no domínio do uso linguístico (pragmática). Contudo, segundo Velasco-Sacristán (2010), apesar das reconhecidas funções desses tropos, o *status* da metáfora e da metonímia nem sempre tem sido o mesmo.

Para a linguística cognitiva, uma metáfora-chave para a transferência do significado é o mapeamento de um domínio fonte para o domínio alvo (LAKOFF, 1993). A estrutura de domínios da fonte concreta é mapeada no domínio do alvo abstrato, fato que traduz “a tendência humana de expressar noções abstratas por extensões metafóricas de experiência concreta” (SLOBIN, 1980, p. 91). O referente convencional da unidade é o alvo; o referente não convencional é a fonte. Lakoff rotula esses mapeamentos, utilizando recursos mnemônicos do tipo DOMÍNIO ALVO É DOMÍNIO FONTE. Goatly (1997, p. 9) explica essas noções por meio do seguinte exemplo: um conceito abstrato como “passado” (alvo) recorre a um conceito concreto “país estrangeiro” (fonte), como em (1):

(1) O PASSADO É UM PAÍS ESTRANGEIRO³.
alvo fonte

A metáfora estrutura o pensamento, escondendo alguns traços do fenômeno ao qual é aplicada, ao mesmo tempo em que salienta outros (GOATLY, 1997), no processo de menção e ocultação. Esse processo refere-se ao bem conhecido fato de

³ Metáfora expressa em versalete.

que o mapeamento por meio de domínios metafóricos é sempre parcial, de tal modo que certos aspectos do alvo são destacados, enquanto outros não (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.10-11). Essa característica possibilita ao autor apresentar apenas o que julga ser útil ao processo persuasivo.

Dada a importância da metáfora na construção do significado, não devemos ignorar seu papel vital na ajuda para a formação de opiniões – um ato discursivo fundamentalmente persuasivo – porque convida uma percepção compartilhada que transcende a do sistema semântico, fornecendo intravisiões sobre crenças, atitudes e sentimentos da comunidade discursiva em que ocorre. A vantagem do uso de metáforas, especialmente as que se tornaram convencionais para a expressão de certos pontos de vista, é o fato de levar em conta o sistema de valores aceitos na comunidade, papel exercido pela metonímia (CHARTERIS-BLACK, 2004).

2.5.1 Metáfora no Discurso

A concepção tradicional da metáfora – linguagem figurativa/ornamentada – deu lugar a uma nova abordagem que a concebe como um importante instrumento cognitivo para compreensão das percepções do mundo. Tal revolução foi engendrada por George Lakoff e Mark Johnson na década de 80 e, desde então, fomenta expressivas pesquisas no estudo da metáfora conceptual. Nas palavras dos autores:

A maioria das pessoas acha que pode viver perfeitamente sem metáfora. Nós descobrimos o contrário, que a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 45).

De acordo com Silva (2003), é pela metáfora que os domínios da experiência mais abstratos e tangíveis podem ser conceitualizados em termos do que é mais concreto e imediato. Por exemplo, na linguagem cotidiana faz-se referência a conceitos abstratos como o tempo, relações interpessoais e até mesmo a vida em termos metafóricos.

Em seus estudos, Charteris-Black (2004) afirma que a metáfora, primeiramente, camufla em geral uma função persuasiva subjacente que não é imediatamente transparente. Esse fato leva-o à sua segunda meta que é o desenvolvimento da consciência crítica da linguagem de como uma função persuasiva subjacente na escolha de certas palavras influi na interpretação feita pelos receptores do texto.

Para ajudar na tarefa de identificar um modo subjacente de pensamento que determina escolhas lexicais, Charteris-Black fez uso da abordagem semântico-cognitiva da metáfora, que se origina do trabalho de Lakoff e Johnson, *Metaphors We Live By* (e.g. LAKOFF, 1987, 1993, 1999; LAKOFF; TURNER, 1989; JOHNSON, 1987). A afirmação básica dessa abordagem é que as expressões metafóricas são sistematicamente motivadas por metáforas subjacentes (ou conceptuais). A motivação aqui implica que há uma única ideia que explica uma série de expressões metafóricas. Uma metáfora conceptual toma a forma de A é B (e.g. VIDA É VIAGEM⁴). Isso significa que há muitas expressões ou veículos metafóricos (e.g. estar numa encruzilhada, sair do caminho) nas quais um domínio de experiência (e.g. VIDA) é sistematicamente conceituado em termos de outro (e.g. VIAGENS).

A metáfora conceptual representa uma base conceitual, ideia ou imagem que subjaz uma série de metáforas. Não significa que as metáforas possam tomar apenas essa forma (e.g. podemos falar sobre a vida em outros termos além de viagens) ou predizer formas que ocorrerão. Mas isto sugere que é mais provável que falaremos sobre a vida em termos de viagens do que, digamos, em termos de visitas ao cinema ou ao teatro. Como Lakoff (2002) mostra, tal abordagem pode ser valiosa para identificar a ideologia que subjaz aos sistemas de crenças. A metáfora capta estereótipos culturais, codificados nas escolhas de atributos por parte dos falantes e possibilita a investigação de suas atitudes e, dessa forma, cada escolha desencadeia uma rede ampla de associações prototipicamente presentes no uso do termo escolhido (LUCHJENBROERS; ALDRIDGE, 2007).

Assim, Charteris-Black (2004) afirma que a abordagem semântico-cognitiva precisa ser complementada com uma análise de fatores pragmáticos já que as metáforas são sempre usadas num contexto específico de comunicação que governa

⁴ Na literatura da linguística cognitiva costumam grafar-se as metáforas conceptuais em maiúsculas distinguindo-se das expressões metafóricas, em minúsculas.

seu papel. Assim, suas características cognitivas não podem ser tratadas isoladamente da sua função persuasiva no discurso. Para compreender porque uma metáfora conceptual é preferida à outra, é necessário considerar as intenções do falante em contextos específicos: as metáforas não são requisitos do sistema semântico, mas são questões de escolha do falante. Além disso, é um instrumento que pode definir a realidade e “[...] elas assim o fazem por meio de uma rede coerente de vínculos que realçam algumas características da realidade e ocultam outras” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 55 apud SAPARAS; IKEDA, 2017, p. 10).

2.6 Metonímia

Não é surpresa que a importância da metonímia esteja sendo cada vez mais reconhecida e estudada por linguistas cognitivistas, já que esse fenômeno cognitivo é, segundo Taylor (1995), um dos processos mais fundamentais da extensão do significado. Em termos de Kövecses e Radden (1998, p. 39) a metonímia é um "processo cognitivo em que uma entidade conceitual, a fonte, fornece acesso mental a outra entidade conceitual, o alvo, dentro de um mesmo domínio". Essa visão baseia-se parcialmente na opinião de Langacker (1993, p. 30) de que "a entidade que é normalmente designada por uma expressão metonímica serve como um ponto de referência permitindo acesso mental ao alvo desejado (i.e. a entidade referida)". Com respeito a esse aspecto a projeção da fonte na metonímia causa simultaneamente a ativação mental do alvo, explica Mujic (2009).

Nesse contexto, e voltando para os aspectos pragmáticos do que não é dito ou escrito, mas comunicado no texto, devemos prestar atenção mais detida para as noções psicológicas como conhecimento prévio, crenças e expectativas. Tais noções funcionam como padrões familiares da experiência prévia que o destinatário emprega para interpretar as novas experiências (YULE, 1996), dentre as quais o padrão mais geral é o *frame*.

A noção de *frame* foi proposta por Minsky (1975) em sua teoria-do-*frame*, como sendo o conhecimento estocado na memória em forma de estruturas de dados, que representam eventos estereotipados. Assim, a noção de *frame* refere-se à estrutura ou ao conjunto estruturado de conhecimento, apoiado em vários domínios

conceptuais, associados à dada forma linguística (DIRVEN et al., 2001). Para Yule (1996), um *frame* é compartilhado por todos aqueles que pertencem a um grupo social, reconhecendo-o como algo semelhante a uma versão prototípica. Dessa perspectiva, pode-se argumentar que um *frame* é um instrumento cognitivo eficaz, pois opera no nível inconsciente do pensamento, estando fortemente ligados ao sistema de valores e altamente carregados emocionalmente.

2.7 A Relação entre metonímia-metáfora

As metáforas conceituais podem ser casos especiais da interação conceitual entre metonímia e metáfora, segundo Velasco-Sacristán (2010), com base em Taylor (1995, p. 138), para quem, todas as metáforas precisam necessariamente de metonimizacões subjacentes, ou seja, há um *contínuum* metonímia-metáfora.

De acordo com Velasco-Sacristán, o domínio (ou qualquer outro termo usado na literatura semântica-cognitiva, como *frame*) e as relações contíguas, ou melhor, as relações conceitualmente associativas nesses domínios; e as feições pragmáticas de inferência e de relevância são igualmente importantes e necessárias para demarcar a metonímia. Nesse sentido, a metonímia tem sido considerada um tipo fundamental do modelo cognitivo (i.e., um mapeamento intradomínio), baseado na relação conceitualmente contígua entre dois referentes – texto e *frame* – que podem ser usados para fins pragmáticos imediatos.

Assim, segundo Kövecses e Radden (1998) e Kövecses (2005), o valor pragmático da metonímia conceitual só pode ser apreciado, se aceitarmos uma visão conceitual de metonímia, que a livre de ser necessariamente referencial, levando em conta as abordagens tanto de domínio e de contiguidade semântica quanto de abordagens cognitiva-pragmática para a metonímia.

Para Lakoff (1987, p. 79), "estereótipos sociais são casos de metonímia - em que uma subcategoria tem um status socialmente reconhecido como representativo de uma categoria como um todo, em geral objetivando o julgamento rápido sobre fatos". Esses estereótipos servem como um modelo metonímico dentro de um domínio (i.e. parte pelo todo) e são subsequentemente mapeados através de

domínios por meio da metáfora⁵.

A propósito, segundo Velasco-Sacristán (2010), a metonímia traz o *frame* que o receptor tem sobre determinadas características, tais como as citadas como sendo propícias a um medalhão, do conto “Teoria do medalhão”. Assim, esse *frame*, esse conhecimento de mundo, que o leitor traz para o texto, torna possível, no nível do discurso, desconstruir a ironia do texto e entender a mensagem de natureza ideológica, sub-repticiamente insinuada no subtexto do texto. Tais características citadas no texto são as expressões metafóricas (CHARTERIS-BLACK, 2004) que, no conjunto, constroem a metáfora conceptual.

2.8 Escolhas lexicogramaticais e a metáfora

Kitis e Milapides (1997) afirmam que uma análise linguística criteriosa revela as condições sociais de produção e interpretação do texto. Dessa forma, embora as suposições de natureza ideológica que emergem do texto não constituam parte da estrutura formal, esses aspectos são insinuados no subtexto por meio de uma análise linguística. Vale lembrar que os discursos são socialmente constitutivos e contribuem para a construção de sistemas de conhecimento e crença (FAIRCLOUGH, 1992).

Afirma-se que a linguística crítica deve examinar a língua como discurso, i.e., como texto dentro de condições sociais de produção e interpretação, para ser independentemente identificado e examinado, já que o texto está subordinado a elas (FAIRCLOUGH, 1992; HODGE; KRESS, 1988 apud KITIS; MILAPIDES, 1997). Kitis e Milapides (1997) mostram que através de uma análise linguística, pode-se também revelar essas condições.

Segundo os autores, ao mesmo tempo em que prestamos atenção às estruturas lexicais e gramaticais do texto, a análise deve considerar essas estruturas dentro de um enquadre de uma metáfora construída que não só permeia e domina

⁵ Assim, com base em Velasco-Sacristán (2010), na publicidade da lâmina de barbear da Gillete, que teve Kaká como protagonista, a persuasão se fez pela metáfora conceptual GILLETE É KAKÁ⁵, que, para tanto, dependeu da contiguidade metonímica (VELASCO-SACRISTÁN, 2010): Kaká = jovem de sucesso, bom moço, bonito, rico etc. Nesse sentido, a publicidade da cerveja DEVASSA, com Sandy, não obteve sucesso, pois a imagem da cantora não condizia, na comunidade a que se dirigiu, com a ideia transmitida pela palavra “devassa” (na metáfora DEVASSA É SANDY).

todo o texto, mas também forma a espinha dorsal da sua estrutura argumentativa. O que se saliente nessa análise multinivelada é a preponderância de certas suposições de natureza ideológica, que, embora não formem parte da estrutura formal do texto, são aspectos de interpretação sub-repticiamente insinuados no subtexto do texto.

Nesse sentido, segundo Li (2010), uma premissa básica de todas as formas de análise crítica é que o uso da língua no discurso implica significados ideológicos e que há restrições discursivas no que diz respeito ao uso da língua e aos significados implicados (VAN DIJK, 1993; FOWLER, 1996; FAIRCLOUGH, 1995).

A abordagem de análise crítica desenvolvida por Van Dijk (1985,1988) liga o texto ao contexto, integrando a análise textual com processos de produção e de interpretação do discurso. Para ele, as formas linguísticas concretas de um texto como escolhas lexicais, variações sintáticas e relações semânticas, mesmo num nível superficial, implicam significados na estrutura profunda, de onde emergem posições ideológicas expressas por certas construções passivas, ao omitir ou ao camuflar agentes da posição de sujeito ou atribuir maior poder a certos indivíduos ou grupos sociais por meio de escolhas retóricas específicas.

Portanto, a relação existente entre a noção macro da ideologia e as noções micro dos discursos e das práticas sociais instaura um liame entre o social e o individual, o macro e o micro, o social e o cognitivo. Além disso, essa abordagem revela como os membros de diferentes grupos sociais podem articular e defender discursivamente suas ideologias para servir aos interesses do seu meio. Por meio dessa concepção, compreendemos como diferentes grupos sociais são construídos e diferenciados no texto com base na língua e na ideologia, e como eles adquirem e reproduzem ideologias pelo discurso.

A abordagem de Van Dijk recorre a uma metodologia que se apoia na gramática da oração para explicar o modo como os traços da estrutura superficial do texto comunicam ideologias específicas e identidades de grupo no nível profundo. Por meio da análise das microestruturas no nível da oração, o enquadre da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) (HALLIDAY, 1994), propicia uma análise sistemática com ênfase nos traços linguísticos dos textos do discurso, fornecendo intravisiões críticas na organização dos significados do texto.

Dessa forma, embasada no enquadre da LSF e fundamentada na abordagem de Van Dijk, Li (2010) observa, nos níveis da oração, as propriedades textuais que

motivaram os significados sociais e ideológicos envolvidos em determinadas escolhas linguísticas e retóricas. Por meio desse procedimento, ela focaliza duas dimensões da gramática da oração: transitividade e seleção lexical, que correspondem aproximadamente às funções da língua: ideacional (transitividade) e textual (coesão lexical), no enquadre da LSF.

2.8.1 Metáfora e coesão lexical

Li (2010) investiga as relações entre escolhas de certas formas linguísticas e as ideologias e relações de poder que subjazem a essas formas. Guiado por propostas de análise do discurso crítica e com o apoio do contexto analítico oferecido pela Linguística Sistêmico-Funcional, de Halliday (1994), o autor examina duas dimensões da gramática da oração: transitividade e coesão lexical, que podem ser associadas respectivamente com as funções ideacional e textual da linguagem. Analisando aspectos da gramática da oração relacionados a essas duas dimensões da língua em textos de reportagem de orientações ideológicas diferentes, Li mostra que as interpretações de um evento, no caso o bombardeio pela OTAN e os papéis sociais que os atores envolvidos no evento são construídas pelas escolhas específicas que cada jornal faz nas duas dimensões da organização do texto.

Nesse sentido, a escolha lexical e a coesão constroem significados no discurso que transcendem os significados referenciais de cada palavra por meio da interação de itens lexicais que se relacionam semântica e pragmaticamente. Para Van Dijk (1988, p. 177), a escolha lexical é "um eminente aspecto do texto em que opiniões e ideologias escondidas podem se superficializar".

A coesão lexical não é um recurso estável que liga informações no texto, é um processo dinâmico que formata o significado no texto e contribui para a informação geral. Assim, a coesão lexical pode fornecer intravisiões importantes no processo da construção da ideologia do texto. Essa visão condiz com a teoria conceitual da metáfora, de Lakoff e Johnson (1980). Como um mapeamento ontológico e epistêmico por meio de domínios conceituais (da fonte para a meta), a metáfora não é apenas uma questão de língua, mas também um conceito intimamente ligado ao pensamento e ao raciocínio, que tem consequências sociopolíticas.

As metáforas conceituais e a coesão lexical influem em nossas experiências cognitivas e nos predis põem a ver aspectos da realidade de um certo modo. A análise da coesão lexical de Li enfoca as repetições de itens lexicais relacionadas colocacionalmente que constroem metáforas dominantes, que funcionam como temas organizacionais criando um determinado entendimento de um evento. A seguir, o exemplo da metáfora da enchente, segundo Li, resultante das expressões metafóricas contidas nos itens de 1 a 7:

Metáfora da enchente:

- 1 Protestos irados **irromperam** na cercania de escritórios do governo americano em diversas cidades.
- 2 Os protestos marcaram um extraordinário momento em uma cidade controlada em que **explosões** são normalmente proibidas.
- 3 Um grupo de 50 participantes **invadiram** as linhas da polícia.
- 4 Eles por certo não estavam preparados para essa **onda** de ódio.
- 5 A atual **explosão** de emoção nacionalista.
- 6 Um poderoso **fluxo** de sentimento antiamericano despertou após o bombardeio.

Encerrando o capítulo da Fundamentação Teórica, o Quadro 6 alista as teorias que ancoram as análises do conto machadiano.

Quadro 5 – As teorias que ancoram a análise do *Teoria do Medalhão*.

Linguística Sistêmico-Funcional Ideacional – Interpessoal – Textual
Linguística Crítica
Ironia
Avaliatividade – Metarrelações
Metáfora – Metonímia

Elaborado pela autora

3 METODOLOGIA

A pesquisa tem o apoio da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) - um modelo multiperspectivo, designado a dar aos analistas lentes complementares para a interpretação da língua em uso. A LSF é uma proposta teórico-metodológica de Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004), que possibilita relacionar as escolhas lexicogramaticais do texto a estrutura da ideologia e das relações de poder do discurso. Posto isso, passo a tratar dos dados.

3.1 Dados

O corpus de análise desta dissertação é o conto *Teoria do Medalhão*, presente na coleção *Obras Completas*, vol. II, Papéis Avulsos. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, escrito por Joaquim Maria Machado de Assis nas páginas 99 à 115. Publicado originalmente em dezoito de dezembro de 1881, primeira página do jornal carioca *Gazeta de Notícias* e inserido no ano seguinte, na coletânea supracitada, composta por 12 contos, todos já publicados anteriormente em periódicos, antecidos por uma nota do autor:

Este⁶ título de Papeis Avulsos parece negar ao livro uma certa unidade; faz crer que o autor coligiu vários escritos de ordem diversa para o fim de os não perder. A verdade é essa sem ser bem essa. Avulsos são eles mas não vieram para aqui como passageiros que acertam de entrar na mesma hospedaria. São pessoas de uma só família que as obrigações do pão fez sentar à mesma mesa (ASSIS, 1970, p.5).

Assim, vamos aos procedimentos de análise.

3.2 Procedimentos de análise

⁶ As citações preservam a escrita conforme a obra original.

Para responder às perguntas de pesquisa: A análise deve responder às seguintes perguntas: (a) De que forma, as escolhas lexicogramaticais do texto relacionam-se com a ideologia subjacente da macroestrutura do discurso? (b) Qual é o papel da ironia na construção da crítica social em *Teoria do Medalhão*? (c) Qual é o papel da relação entre metonímia e metáfora nessa construção? Procedo da seguinte forma:

- (a) Apresentação do conto, na íntegra, para garantir a questão do contexto situacional em que se encontram os trechos analisados, cuja seleção será feita de acordo com critérios específicos para cada caso.
- (b) Cada trecho selecionado será examinado por meio da aplicação da análise das metafunções, com enfoque na avaliatividade (da metafunção interpessoal). Os trechos não selecionados para análise, permanecem em tipo ARIAL 8 para servirem de cotexto, conforme determina a LSF.
- (c) A análise em (b) será seguida, para cada trecho, de uma Interpretação em que se tratará das metarrelações, tendo em vista a questão da empatia e do discernimento ético que emergem das escolhas léxico-gramaticais feitas no texto.

Para essas análises, procedo da seguinte forma:

- (i) Cada linha do texto é colocada em um quadro, dividido em várias linhas. Abaixo da primeira linha do texto, será feita a análise da Transitividade;
- (ii) Na segunda linha, será feita a análise da modalidade e da avaliatividade.

Para facilitar o acompanhamento da análise, executo a seguinte codificação:

- CAIXA ALTA – indicação do Processo
- Sublinhado – Participantes e Circunstâncias
- **Negrito** – análise da Avaliatividade e da Modalidade
- (+) ou (-) se a Avaliatividade for positiva ou negativa, respectivamente.
- (↑) ou (↓) se a Avaliatividade for intensificada ou diminuída

Apresento um exemplo de como será feita a análise nos termos da LSF, no trecho a seguir:

- Não	É;	HÁ	<u>um meio;</u>	É	LANÇAR mão*
	Relacional	Existencial	Existente	Relacional	Material
*lançar mão = aproveitar-se, recorrer					
de um regime <u>debilitante,</u>		LER		<u>compêndios de retórica,</u>	
	Meta	Mental		Fenômeno	
Avaliação Social (-)					
OUVIR	<u>certos discursos, etc.</u>		<u>O voltarete, o dominó e o whist</u>		
Mental	Fenômeno		Portador		
Julgamento (-) token*					
*token = avaliatividade que depende de contexto (no caso de ironia) sobre atos escusos.					

Fonte: Elaborado pela autora com base em Halliday (1994)

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A noção de contexto, quer em sua vertente situacional ou cultural, é extremamente importante para a LSF, diz Halliday (1994), no sentido em que configura níveis de organizações, a realização de níveis extralinguísticos em níveis linguísticos, assim, permitem-nos, lidar analiticamente com a variação funcional dos textos, com o modo como os textos são diferentes e as motivações para essas diferenças, também analisar a relação probabilista entre contexto e texto, configuradora de uma previsão textual, do texto para o contexto e vice-versa.

Examino a seguir o registro – contexto de situação tratado no conto, esclarecendo campo, relação e modo.

4.1 Análise de Registro

A análise do contexto situacional ou registro esclarece o *campo*: assunto tratado no conto; as *relações*: a interação entre os participantes; e o *modo*: o significado advindo da ordem das palavras na oração.

Campo: Após o jantar de comemoração da maioria de Janjão, seu pai lhe aconselha a cerca de seu futuro e o desejo de notabilidade e grandeza que só um medalhão pode alcançar.

Relações: Entre os diálogos o pai (cujo nome permanece oculto ao longo da trama), deixa explícito o seu desejo em relação ao futuro do filho (Janjão), ao mesmo tempo que deixa implícito as suas percepções sobre ele. Apesar de o diálogo ser aparentemente sério e cheio de boas intenções, o discurso é permeado de ideias absurdas que levam ao riso e a reflexão, ao destacar os atributos do filho o pai sugere a carreira de medalhão, deixando implícito suas impressões sobre o filho, que por sua vez, demonstra submissão aos apontamentos de seu pai, sem se quer refletir sobre o que de fato está sendo dito.

Modo: Tecido em forma de diálogo e fugindo da estrutura tradicional do gênero “conto”, *Teoria do Medalhão* apoia-se na formalidade, que colabora para a captação daquilo que não foi dito, mas que pode ser compreendido na subjacência.

4.2 Análise do Conto

TEORIA DO MEDALHÃO

Diálogo

Machado de Assis

Cotexto:

- Estás com sono?
- **Não, senhor.**
- Nem eu; conversemos um pouco. Abre a janela. Que horas são?
- **Onze.**
- Saiu o último conviva do nosso modesto jantar. Com que meu peralta chegastes aos teus vinte e um anos. Há vinte e um anos, no dia 5 de agosto de 1854, vinhas tu à luz, um pirralho de nada, e estás homem, longos bigodes, alguns namoros ...
- **Papai...**

Não	<u>te</u>	PONHAS	<u>com denguiques</u> e	FALEMOS
Portador		Relacional	Atributo	Verbal
Julgamento (-)				
como	(falariam)	dois	<u>amigos</u> (que são)	<u>sérios.</u>
	Verbal		Dizente	Atributo
Julgamento (+)				
FECHA	<u>aquela porta;</u>	<u>vou</u>	DIZER - <u>te</u>	<u>coisas importantes.</u>
Material	Meta	(tempo finito)	Verbal Receptor	Verbiagem
Julgamento (+)				
SENTA-	<u>te</u>	e	CONVERSEMOS.	
Material	Ator		Verbal	

Discussão: Nesta fala do pai, três momentos prenunciam o que será desenvolvido nos próximos momentos do conto: O comportamento do filho, Janjão, que age com dengue,

atitude repreendida pelo pai com julgamento negativo; a vida adulta que exige mudança para se tornar uma pessoa “séria”, escolha que, dependendo do contexto por assumir Julgamento positivo ou negativo; o mesmo acontecendo com “coisas importantes”.

Cotexto:

-Vinte e um anos, algumas apólices, um diploma, podes entrar no parlamento, na magistratura, na imprensa, na lavoura, na indústria, no comércio, nas letras ou nas artes. Há infinitas carreiras diante de ti. Vinte e um anos, meu rapaz, formam apenas a primeira sílaba do nosso destino. Os mesmos Pitt e Napoleão, apesar de precoces, não foram tudo aos vinte e um anos. Mas qualquer que seja a profissão da tua escolha, o meu desejo é que te faças grande e ilustre, ou pelo menos notável, que te levantes acima da obscuridade comum. A vida, Janjão, é uma enorme loteria; os prêmios são poucos, os malogrados inúmeros, e com os suspiros de uma geração é que se amassam as esperanças de outra. Isto é a vida; não há planger, nem imprecicar, mas aceitar as coisas integralmente, com seus ônus e percalços, glórias e desdouros, e ir por diante.

- **Sim, senhor.**

- Entretanto, assim como é de boa economia guardar um pão para a velhice, assim também é de boa prática social acautelar um ofício para a hipótese de que os outros falhem, ou não indenizem suficientemente o esforço da nossa ambição. É isto o que te aconselho hoje, dia da tua maioridade.

- **Creia que lhe agradeço; mas que ofício, não me dirá?**

- Nenhum me	parece	[SER] Relacional	<u>mais útil e cabido</u>	Atributo
Probabilidade		Apreciação (+)		
que o de <u>medalhão</u> .	SER	<u>medalhão</u>	FOI	o sonho
Portador	Relacional	Atributo	Relacional	
Apreciação (+)		Apreciação (+)		
da <u>minha mocidade</u>	FALTARAM-me, porém,	<u>as instruções</u>	de um pai,	e
Portador circunstância	Existencial	Existente		
Apreciação (+)				
ACABO	como vês, sem outra	<u>consolação e relevo moral,</u>	além das	
Relacional		Atributo		
Acabo = estou				

Afeto (-)	
esperanças que eu=experienciador	DEPOSITO em ti. Mental (Depositar= acreditar)
Afeto (+)token	

Discussão: O pai introduz o tema do conto, o medalhão, ofício útil e cabido, caracterizado por quatro Apreciações (+), cujos sentidos se revelarão no decorrer do diálogo entre ele e seu filho. O que significaria “sonho” neste contexto, o que o pai desejaria para o filho?

Cotexto:

-Ouve-me bem, meu querido filho, ouve-me e entende. És moço, tens naturalmente o ardor, a exuberância, os improvisos da idade; não os rejeites, mas modera-os de modo que aos quarenta e cinco anos possas entrar francamente no regime do aprumo e do compasso. O sábio que disse: "a gravidade é um mistério do corpo", definiu a compostura do medalhão. Não confundas essa gravidade com aquela outra que, embora resida no aspecto, é um puro reflexo ou emanção do espírito; essa é do corpo, tão-somente do corpo, um sinal da natureza ou um jeito da vida. Quanto à idade de quarenta e cinco anos...

- **É verdade, por que quarenta e cinco anos?**

- Não é, como podes supor, um limite arbitrário, filho do puro capricho; é a data normal do fenômeno. Geralmente, o verdadeiro medalhão começa a manifestar-se entre os quarenta e cinco e cinquenta anos, conquanto alguns exemplos se deem entre os cinquenta e cinco e os sessenta; mas estes são raros. Há os também de quarenta anos, e outros mais precoces, de trinta e cinco e de trinta; não são, todavia, vulgares. Não falo dos de vinte e cinco anos: esse madrugar é privilégio do gênio.

- **Entendo.**

- Venhamos ao principal. Uma vez entrado na carreira, debes pôr todo o cuidado nas ideias que houveres de nutrir para uso alheio e próprio.

O melhor	SERÁ Relacional	não	as	TER Relacional	absolutamente;
Julgamento (-) <i>Token</i>			Julgamento (-) (↑)		
<u>Coisa</u> que Fenômeno	(tu) Experienciador	ENTENDERÁS Mental		bem,	IMAGINANDO, Mental
Julgamento (-) <i>token</i>					

por exemplo, <u>um ator</u> Meta	defraudado* Material	<u>do uso</u> Material (de usar) **	<u>de um braço.</u> Meta
Apreciação (-)			
*“ser defraudado” (voz passiva) - ** nominalização			

Discussão: A orientação do pai para que o filho se torne um bom medalhão, “para uso alheio e próprio”, é – na escolha entre corpo e mente – deixar de usar a mente. Esse fato é indicado no texto por Julgamento negativo, no contexto (são *tokens*, portanto);

Cotexto:

-Ele pode, por um milagre de artifício, dissimular o defeito aos olhos da plateia; mas era muito melhor dispor dos dois. O mesmo se dá com as ideias; pode-se, com violência, abafá-las, escondê-las até à morte; mas nem essa habilidade é comum, nem tão constante esforço conviria ao exercício da vida.

- Mas quem lhe diz que eu...

- <u>Tu</u> ,	meu filho, se	<u>me</u>	não ENGANO,	pareces	(SER)
	Experienciador		Mental		
Probabilidade (voz passiva)					
DOTADO	<u>da perfeita inópia mental</u> , (que é)	<u>conveniente</u>	ao uso*	(para USAR)	
Existencial	Existente	Atributo		Material	
Julgamento (-)			Julgamento (-) <i>Token</i>		
* nominalização					
deste nobre ofício.	Não	<u>me</u>	REFIRO	tanto	à fidelidade com que
	Dizente		Verbal		Verbiagem
Julgamento (-) <i>token</i>					
(<u>tu</u>)	REPETES	numa sala	<u>as opiniões</u>	ouvidas (OUVIU),	
Dizente	Verbal		Verbiagem	Mental	
Julgamento (-)			Julgamento (-)		

numa esquina e vice-versa	porque	<u>esse fato*</u> , Comportante	posto	INDIQUE Comportamental
* “esse fato” = ele ouvir na esquina				
(SER) Relacional	<u>certa carência de ideias</u> , Atributo	ainda assim,	pode	não PASSAR Relacional
Julgamento (-)		Probabilidade		
<u>de uma traição da memória.</u> Atributo				
Julgamento (-)				

Discussão: As escolhas lexicogramaticais deste fragmento revelam as características exigidas para o exercício do “nobre ofício” de medalhão, todas marcadas com Julgamento negativo. O comportamento e a personalidade de Janjão são, nesse sentido, ideais para a função de medalhão na opinião do pai.

Cotexto:

-Não; refiro-me ao gesto correto e perfilado com que usas expender francamente as tuas simpatias ou antipatias acerca do corte de um colete, das dimensões de um chapéu, do ranger ou calar das botas novas. Eis aí um sintoma eloquente, eis aí uma esperança. No entanto, podendo acontecer que, com a idade, venhas a ser afligido de algumas ideias próprias, urge aparelhar fortemente o espírito. As ideias são de sua natureza espontâneas e súbitas; por mais que as sofremos, elas irrompem e precipitam-se. Daí a certeza com que o vulgo, cujo faro é extremamente delicado, distingue o medalhão completo do medalhão incompleto.

- Creio que assim seja; mas um tal obstáculo é invencível.

Não	É; .Relacional	HÁ Existencial	um meio; Existente	É Relacional	LANÇAR mão* Material
*lançar mão = aproveitar-se, recorrer					
<u>de um regime debilitante,</u> Meta		LER Mental	<u>compêndios de retórica,</u> Fenômeno		
Avaliação Social (-)					
OUVIR Mental	<u>certos discursos, etc.</u> Fenômeno		<u>O voltarete, o dominó e o whist</u> Portador		
Julgamento (-) token					

SÃO	<u>remédios aprovados.</u>
Relacional	Atributo
Julgamento (-) <i>token</i>	

Discussão: A análise da transitividade mostra a existência de vários processos mentais, que caracterizarão o comportamento de Janjão se seguir os conselhos do pai. Ele não será um homem de tomar atitudes, de lutar pela pátria – que se desejaria de um medalhão – mas um ser passivo. Se acontecer de agir será para recorrer a um "regime debilitante" ou se lançar à jogatina.

Assim, o conto segue aos poucos definindo os requisitos da missão de um medalhão; e o faz sem recriminações, mas com ironia e bom humor, o que aumenta o perigo de esse tipo de posicionamento ser aceito e a seguir proliferar em uma sociedade. Esse perigo está sinalizado pelas avaliatividades negativas todas.

Cotexto:

O whist tem até a rara vantagem de acostumar ao silêncio, que é a forma mais acentuada da circunspecção. Não digo o mesmo da natação, da equitação e da ginástica, embora elas façam repousar o cérebro; mas por isso mesmo que o fazem repousar, restituem-lhe as forças e a atividade perdidas. O bilhar é excelente.

- Como assim, se também é um exercício corporal?

- Não digo que não, mas há coisas em que a observação desmente a teoria. Se te aconselho excepcionalmente o bilhar é porque as estatísticas mais escrupulosas mostram que três quartas partes dos habituados do taco partilham as opiniões do mesmo taco. O passeio nas ruas, mormente nas de recreio e parada, é utilíssimo, com a condição de não andares desacompanhado, porque a solidão é oficina de ideias, e o espírito deixado a si mesmo, embora no meio da multidão, pode adquirir uma tal ou qual atividade.

- Mas se eu não tiver à mão um amigo apto e disposto a ir comigo?

- Não faz mal; tens o valente recurso de mesclar-te aos pasmatórios, em que toda a poeira da solidão se dissipa. As livrarias, ou por causa da atmosfera do lugar, ou por qualquer outra, razão que me escapa, não são propícias ao nosso fim; e, não obstante, há grande conveniência em entrar por elas, de quando em quando, não digo às ocultas, mas às escâncaras. Podes resolver a dificuldade de um modo simples: vai ali falar do boato do dia, da anedota da semana, de um contrabando, de uma calúnia, de um cometa, de qualquer coisa, quando não prefiras interrogar diretamente os leitores habituais das belas crônicas de Mazade; 75 por cento desses estimáveis cavalheiros repetir-te-ão as mesmas opiniões, e uma tal monotonia é grandemente saudável.

<u>Com este regime,</u>	<u>durante oito, dez, dezoito meses –</u>	(nós)	SUPONHAMOS
Fenômeno	Circunstância	Experienciador	Mental

Julgamento (-)				
<u>dois anos</u> , - Circunstância	(tu) Ator Portador	* REDUZES Material	<u>o intelecto</u> , Meta	por mais pródigo que SEJA, Relacional
Julgamento (-)		Julgamento (-) (‡) <i>token</i>		
<u>à sobriedade, à disciplina ao equilíbrio comum.</u> Atributo				
Avaliação Social (-) <i>token</i>				

Discussão: A insegurança de Janjão, revela-se diante da pergunta que ele faz ao pai, que por sua vez tenta persuadi-lo a respeito de seus conselhos. Assim, o pai garante a importância do “regime” que sugere, que passado algum tempo terá eliminado o intelecto do povo, que se tornará submisso à sua vontade.

As avaliatividades negativas, são *tokens*, pois seriam positivas fosse outro o contexto, fato que caracteriza a ironia. Como diz El Refaye (2005), a meta do enquadre irônico de um significado é em geral a entrega de uma avaliação implícita e um convite ao leitor/audiência para compartilhar da perspectiva do ironizador. Isso torna a ironia especialmente adequada para a tarefa de expressar a crítica, embora a avaliação implícita possa ser mais complicada e multinivelada do que uma pura desaprovação. Contudo, se não for identificada pelo receptor, a ironia simplesmente não é ironia.

Cotexto:

-Não trato do vocabulário, porque ele está subentendido no uso das ideias; há de ser naturalmente simples, túbio, apoucado, sem notas vermelhas, sem cores de clarim...

- **Isto é o diabo! Não poder adornar o estilo, de quando em quando.**

- Podes; podes empregar umas quantas figuras expressivas, a hidra de Lerna, por exemplo, a cabeça de Medusa, o tonel das Danaides, as asas de Ícaro, e outras, que românticos, clássicos e realistas empregam sem desar, quando precisam delas. Sentenças latinas, ditos históricos, versos célebres, brocardos jurídicos, máximas, é de bom aviso trazê-los contigo para os discursos de sobremesa, de felicitação, ou de agradecimento. *Caveant consules* é um excelente fecho de artigo político; o mesmo direi do *Si vis pacem para bellum*. Alguns costumam renovar o sabor de uma citação intercalando-a numa frase nova, original e bela, mas não te aconselho esse artifício: seria desnaturar lhe as graças vetustas.

Melhor do que	tudo isso, Portador	porém,	que (tudo isso) afinal não PASSA Relacional
Julgamento (-) <i>Token</i>			
<u>de mero adorno,</u> Atributo	SÃO Relacional	<u>as frases feitas,</u> Atributo	
Julgamento (-)		Julgamento (-)	
<u>as locuções convencionais,</u> Atributo		<u>as fórmulas consagradas pelos anos,</u> Atributo	
Avaliação Social (-)			
(frases feitas* ... <u>que estão</u>) Existente	INCRUSTADAS Existencial	<u>na memória individual e pública.</u> Circunstância	
Avaliação Social (-)			

Discussão: A redução intelectual, indicada como a fórmula do sucesso de um medalhão, é mais uma vez reforçada pelo pai. O medalhão deve se valer de “frases feitas, locuções convencionais, fórmulas consagradas pelos anos”, que já fazem parte da crença popular. Assim, com o uso de sutil ironia, o autor critica a hipocrisia tanto do medalhão, quanto da maioria do povo que não se dá o trabalho do cultivo intelectual, para ser capaz de distinguir o certo do errado.

E a pobreza mental se generaliza, na medida em que se transfere de geração em geração, quando se vê um pai subvertendo às boas intenções do filho. Porém, uma reflexão mais profunda faz surgir o que se revela na subjacência do discurso: o sucesso estaria nos ensinamentos do pai? Para vencer na vida, Janjão precisaria seguir os conselhos do pai, todas avaliadas negativamente?

Cotexto:

-Essas fórmulas têm a vantagem de não obrigar os outros a um esforço inútil. Não as relaciono agora, mas fá-lo-ei por

escrito. De resto, o mesmo ofício te irá ensinando os elementos dessa arte difícil de pensar o pensado. Quanto à utilidade de um tal sistema, basta figurar uma hipótese. Faz-se uma lei, executa-se, não produz efeito, subsiste o mal. Eis aí uma questão que pode aguçar as curiosidades vadias, dar ensejo a um inquérito pedantesco, a uma coleta fastidiosa de documentos e observações, análise das causas prováveis, causas certas, causas possíveis, um estudo infinito das aptidões do sujeito reformado, da natureza do mal, da manipulação do remédio, das circunstâncias da aplicação; matéria, enfim, para todo um andaime de palavras, conceitos, e desvarios. Tu poupas aos teus semelhantes todo esse imenso aranzel, tu dizes simplesmente: Antes das leis, reformemos os costumes! – E esta frase sintética, transparente, límpida, tirada ao pecúlio comum, resolve mais depressa o problema, entra pelos espíritos como um jorro súbito de sol.

- Vejo por aí que vosmecê condena toda e qualquer aplicação de processos modernos.

- Entendamo-nos. Condeno a aplicação, louvo a denominação. O mesmo direi de toda a recente terminologia científica; debes decorá-la. Conquanto o rasgo peculiar do medalhão seja uma certa atitude de deus Término, e as ciências sejam obra do movimento humano, como tens de ser medalhão mais tarde, convém tomar as armas do teu tempo. E de duas uma: - ou elas estarão usadas e divulgadas daqui a trinta anos, ou conservar-se-ão novas; no primeiro caso, pertencem-te de foro próprio; no segundo, podes ter a coquette de as trazer, para mostrar que também és pintor. De outiva, com o tempo, irás sabendo a que leis, casos e fenômenos responde toda essa terminologia; porque o método de interrogar os próprios mestres e oficiais da ciência, nos seus livros, estudos e memórias, além de tedioso e cansativo, traz o perigo de inocular ideias novas, e é radicalmente falso. Acresce que no dia em que viesses a assenhorear-te do espírito daquelas leis e fórmulas, serias provavelmente levado a empregá-las com um tal ou qual comedimento, como a costureira esperta e afreguesada, - que, segundo um poeta clássico, Quanto mais pano tem, mais poupa o corte, Menos monte alardeia de retalhos; e este fenômeno, tratando-se de um medalhão, é que não seria científico.

- Upa! que a profissão é difícil!

- E ainda não chegamos ao cabo.

- Vamos a ele.

- Não te falei ainda dos benefícios da publicidade. A publicidade é uma dona loureira e senhoril, que tu debes requestar à força de pequenos mimos, confeitos, almofadinhas, coisas miúdas, que antes exprimem a constância do afeto do que o atrevimento e a ambição. Que D. Quixote solicite os favores dela mediante, ações heroicas ou custosas, é um sestro próprio desse ilustre lunático.

<u>O verdadeiro medalhão</u> Portador	TEM Relacional	<u>outra política.</u> Atributo	Longe de
INVENTAR Existencial	<u>um Tratado científico</u> Existente	da criação* (CRIAR) Material	dos <u>carneiros</u> , Meta
Julgamento (-)			
*nominalização = Janção criar carneiros			
COMPRA Material	<u>um carneiro e</u> Meta	DÁ Material	-o Meta
		<u>aos amigos</u> Recipiente	sob a forma de um jantar, Circunstância
cuja <u>notícia</u> Portador	não	pode	SER Relacional
		<u>indiferente</u> Atributo	<u>aos seus concidadãos.</u> Recipiente
Obrigação		Julgamento (-) token	

Discussão: A pesquisa científica – que propicia conhecimento, melhoria de vida para a humanidade, capacidade de avaliar entre o bem e o mal – é aqui igualado a um jantar cuja iguaria seria um carneiro.

Essa comparação chega a ser engraçada, tal o absurdo do ensinamento do pai para o filho. Mas é, infelizmente, o caminho tomado pela maioria: estudar cansa, leva tempo, requer investimento. É melhor desfrutar bons momentos com os amigos, ser lembrado, conseguir o apoio amigo. A crítica social subjacente ao texto não diz respeito somente ao pai de Janjão, mas o faz através dele para a sociedade.

Cotexto:

-Uma notícia traz outra; cinco, dez, vinte vezes põe o teu nome ante os olhos do mundo. Comissões ou deputações para felicitar um agraciado, um benemérito, um forasteiro, têm singulares merecimentos, e assim as irmandades e associações diversas, sejam mitológicas, cinegéticas ou coreográficas. Os sucessos de certa ordem, embora de pouca monta, podem ser trazidos a lume, contanto que ponham em relevo a tua pessoa. Explico-me. Se caíres de um carro, sem outro dano, além do susto, é útil mandá-lo dizer aos quatro ventos, não pelo fato em si, que é insignificante, mas pelo efeito de recordar um nome caro às afeições gerais. Percebeste?

-Percebi.

Essa	É	<u>publicidade constante,</u>	<u>barata, fácil, de todos os dias;</u>
Relacional		Identificado	Atributo
Julgamento (-) Token			
mas	HÁ	<u>outra.</u>	Qualquer que
Existencial		Existente	SEJA
			Relacional
			<u>a teoria das artes,</u>
			Identificador
Julgamento (-) Token			
É	fora de dúvida que		
Relacional			
<u>o sentimento da família, a amizade pessoal e a estima pública</u>			INSTIGAM
Experienciador			Mental
Avaliação Social (-) Token			

<u>à reprodução das feições de um homem amado ou benemérito.</u>
Fenômeno
Julgamento (+)

Discussão: O pai prega os benefícios da publicidade cotidiana, prosaica, que persuade o povo a transformar feitos “baratos” em grandes acontecimentos. Essa é a “publicidade constante” que solidifica e perpetua o medalhão. A crítica social é feita aqui sobre a superficialidade do comportamento humano, que acaba valorizando a aparência sobre a essência.

Mas, ao mesmo tempo em que assim o faz, o pai tenta contrabalançar a ironia da sua fala com menção a valores como “o sentimento da família, a amizade pessoal e a estima”, mas que soam apenas como aportes imprescindíveis para o usufruto das recompensas materiais, que constroem a imagem do medalhão.

A ironia se revela nos *Tokens*, significando no discurso o oposto do que é dito texto.

Cotexto:

-Nada obsta a que sejas objeto de uma tal distinção, principalmente se a sagacidade dos amigos não achar em ti repugnância. Em semelhante caso, não só as regras da mais vulgar polidez mandam aceitar o retrato ou o busto, como seria desazado impedir que os amigos o expusessem em qualquer casa pública. Dessa maneira o nome fica ligado à pessoa; os que houverem lido o teu recente discurso (suponhamos) na sessão inaugural da União dos Cabeleireiros, reconhecerão na compostura das feições o autor dessa obra grave, em que a "alavanca do progresso" e o "suor do trabalho" vencem as "faucês hiantes" da miséria. No caso de que uma comissão te leve a casa o retrato, deves agradecer-lhe o obséquio com um discurso cheio de gratidão e um copo d'água: é uso antigo, razoável e honesto. Convidarás então os melhores amigos, os parentes, e, se for possível, uma ou duas pessoas de representação. Mais. Se esse dia é um dia de glória ou regozijo, não vejo que possas, decentemente, recusar um lugar à mesa aos repórteres dos jornais. Em todo o caso, se as obrigações desses cidadãos os retiverem noutra parte, podes ajudá-los de certa maneira, redigindo tu mesmo a notícia da festa; e, dado que por um tal ou qual escrúpulo, aliás desculpável, não queiras com a própria mão anexar ao teu nome os qualificativos dignos dele, incumbe a notícia a algum amigo ou parente.

- **Digo-lhe que o que vosmecê me ensina não é nada fácil.**

- Nem eu te digo outra coisa. É difícil, come tempo, muito tempo, leva anos, paciência, trabalho, e felizes os que chegam a entrar na terra prometida! Os que lá não penetram, engole-os a obscuridade. Mas os que triunfam! E tu triunfarás, crê-me. Verás cair as muralhas de Jericó ao som das trompas sagradas. Só então poderás dizer que estás fixado. Começa nesse dia a tua fase de ornamento indispensável, de figura obrigada, de rótulo.

ACABOU	-se	<u>a necessidade</u>	de	FAREJAR	<u>ocasiões, comissões, irmandades;</u>	<u>elas</u>
Existencial		Existente		Material	Metas	Ator
VIRÃO	ter	<u>contigo,</u>	<u>com o seu ar pesado e cru de substantivos desajetivados,</u>			
Material		Recipiente		Circunstância		
Julgamento (+) <i>Token</i>						
e tu	SERÁS	<u>o adjetivo dessas orações opacas, o odorífero das flores,</u>				
Portador	Relacional		Atributo		Atributo	
Julgamento (-) <i>Token</i>						
<u>o anilado dos céus o prestimoso dos cidadãos, o noticioso e suculento dos relatórios.</u>						
Atributo			Atributo			
Julgamento (-) <i>Token</i>				Julgamento (-) <i>Token</i>		

Discussão: As qualidades negativas de Janjão, ao contrário do que se pensa, seriam positivas para o ofício de um medalhão, recebendo Julgamento (+) *Token*, pois a avaliatividade depende do contexto de ironia do pai.

Serão essas as características que iludirão o povo, alheio às questões sociais, sem capacidade de assumir uma posição de crítica diante das mazelas dos medalhões. Com isso, Machado de Assis lança um olhar crítico sobre os costumes, comportamentos e a sociedade de sua época.

Cotexto:

-E ser isso é o principal, porque o adjetivo é a alma do idioma, a sua porção idealista e metafísica. O substantivo é a realidade nua e crua, é o naturalismo do vocabulário.

- E parece-lhe que todo esse ofício é apenas um sobressalente para os déficits da vida?

- Decerto; não fica excluída nenhuma outra atividade.

- Nem política?

- Nem política. Toda a questão é não infringir as regras e obrigações capitais. Podes pertencer a qualquer partido, liberal ou conservador, republicano ou ultramontano, com a cláusula única de não ligar nenhuma ideia especial a esses vocábulos, e reconhecer-lhe somente a utilidade do scibboleth bíblico.

- Se for ao parlamento, posso ocupar a tribuna?

- Podes e deves; é um modo de convocar a atenção pública. Quanto à matéria dos discursos, tens à escolha: - ou os negócios miúdos, ou a metafísica política, mas prefere a metafísica. Os negócios miúdos, força é confessá-lo, não

desdizem daquela chateza de bom-tom, própria de um medalhão acabado; mas, se puderes, adota a metafísica; - é mais fácil e mais atraente. Supõe que desejas saber por que motivo a 7ª companhia de infantaria foi transferida de Uruguiana para Canguçu; serás ouvido tão-somente pelo ministro da guerra, que te explicará em dez minutos as razões desse ato. Não assim a metafísica.

Um discurso de metafísica política		APAIXONA naturalmente os partidos e o público,	
Fenômeno	Mental	Experienciador	
Afeto (+) (↑)		Modo	Avaliação Social (-) Token
CHAMA os apartes e as respostas. E depois não OBRIGA a PENSAR e DESCOBRIR.			
Mental	Fenômeno	Mental	Mental
Julgamento (-) Token			

Discussão: Continua o discurso do pai, agora indicando um meio de persuadir o povo, sem deixar-lhe meios para a contra-argumentação: “falar difícil” para, ao mesmo tempo em que causa admiração do público, também impede o interlocutor de meditar e aquilatar o valor de seu discurso.

Cotexto:

-Nesse ramo dos conhecimentos humanos tudo está achado, formulado, rotulado, encaixotado; é só prover os alforjes da memória. Em todo caso, não transcendas nunca os limites de uma invejável vulgaridade.

- Farei o que puder. Nenhuma imaginação?

- Nenhuma; antes faze correr o boato de que um tal dom é ínfimo.

- Nenhuma filosofia?

- Entendamo-nos: no papel e na língua alguma, na realidade nada. "Filosofia da história", por exemplo, é uma locução que deves empregar com frequência, mas proíbo-te que chegues a outras conclusões que não sejam as já achadas por outros. Foge a tudo que possa cheirar a reflexão, originalidade, etc., etc.

-Também ao riso?

- Como ao riso?

- Ficar sério, muito sério...

- Conforme. Tens um gênio folgazão, prazenteiro, não hás de sofreá-lo nem eliminá-lo; podes brincar e rir alguma vez. Medalhão não quer dizer melancólico. Um grave pode ter seus momentos de expansão alegre. Somente, - e este ponto é melindroso...

- Diga...

Somente <u>(tu)</u> não	deves	EMPREGAR	<u>a ironia, esse movimento ao canto da boca,</u>
Ator		Material	Meta
Mod.de obrigação			
<u>cheio de mistérios,</u>	INVENTADO	<u>por algum grego da decadência,</u>	(foi) CONTRAÍDO
	Material	Ator (passiva)	Material
Julgamento (-)			
<u>por Luciano,</u>	TRANSMITIDO	<u>a Swift e Voltaire,</u>	<u>feição própria dos cépticos e</u>
Ator	Verbal	Receptor	Meta (aposto)
Julgamento (-) <i>Token</i>		Julgamento (-)	
<u>desabusados.</u> Não.	USA	antes	<u>a chalaça,</u> <u>a nossa boa chalaça amiga,</u>
	Material	Meta	Meta (aposto)
*Chalaça que é boa e amiga			
Julgamento (-) <i>Token</i>			
<u>gorducha, redonda, franca, sem biocos, nem véus,</u>		que se	METE
Atributo			Material
Julgamento (-) <i>Token</i>		Julgamento (+) <i>Token</i>	
Todos fazem parte do aposto de chalaça.			
<u>pela cara dos outros,</u>	ESTALA	<u>como uma palmada,</u>	faz PULAR
Circunstância	Material	Circunstância	Material Comportamental
Julgamento (-) <i>Token</i>			
<u>o sangue</u>	<u>nas veias</u>	e	ARREBENTAR
Comportante	Circunstância		Comportamental
		<u>de riso</u>	<u>os suspensórios.</u>
		Alcance	Comportante

Discussão: Ao aconselhar Janjão a não usar a ironia, mas, sim, a chalaça, o pai parece sentir que a ironia exige um raciocínio mais sofisticado, próprio de personalidades da história do mundo, e não acessível nem a seu filho, nem ao alienado público.

Uma vez medalhão, poderá mais facilmente convencer seu público sobre o seu fraco

discurso, lançando mão da galhofa, que aturde e dificulta o raciocínio, e a constatação trágica da aparência sobre a essência.

Cotexto:

-Usa a chalaça. Que é isto?

-Meia-noite.

- Meia-noite? Entras nos teus vinte e dois anos, meu peralta; estás definitivamente maior. Vamos dormir, que é tarde.

4.3 Análise da Metáfora

Li (2010) mostra que a escolha lexical e a coesão constroem significados no discurso que transcendem os significados referenciais de cada palavra por meio da interação de itens lexicais que se relacionam semântica e pragmaticamente. Assim, a coesão lexical pode fornecer intravisiões importantes no processo da construção da ideologia do texto.

A análise da coesão lexical de Li enfoca as repetições de itens lexicais relacionadas colocacionalmente que constroem metáforas dominantes, funcionando como temas organizacionais e criando um determinado entendimento de um evento.

Para ele, as formas linguísticas concretas de um texto como escolhas lexicais, variações sintáticas e relações semânticas, mesmo num nível superficial, implicam significados na estrutura profunda, de onde emergem posições ideológicas expressas por certas construções passivas, ao omitir ou ao camuflar agentes da posição de sujeito ou atribuir maior poder a certos indivíduos ou grupos sociais por meio de escolhas retóricas específicas.

A afirmação básica dessa abordagem é que as expressões metafóricas são sistematicamente motivadas por metáforas conceptuais (ou subjacentes). A motivação aqui implica que há uma única ideia que explica uma série de expressões metafóricas. No caso do conto *Teoria do Medalhão*, é notável a repetição de certas escolhas lexicogramaticais, que maculam a imagem do medalhão, tais como:

- 1 - Basta não ter absolutamente nenhuma ideia;
- 2 - O verdadeiro medalhão tem outra política;
- 3 - Inópia mental;
- 4 - Opiniões ouvidas numa esquina;
- 5 - Carência de ideias;
- 6 - Regime debilitante;
- 7 - (Dedicar-se) ao voltarete, ao dominó e ao whist;
- 8- Reduzir o intelecto;
- 9 - Mero adorno;
- 10 - Frases feitas;
- 11- (Não falar em) tratado científico;

- 12 - Publicidade constante, barata, fácil;
- 13 - Com o seu ar pesado e cru de substantivos desajetivados;
- 14 - Não obriga a pensar e descobrir;
- 15 - Evitar discurso de metafísica política;
- 16 - (Em vez da ironia) use a chalaça.

Essas escolhas, aos poucos, configuram a definição de “medalhão”, que pode ser resumida pela metáfora:

O MEDALHÃO É MÁSCARA SOCIAL

A palavra “máscara” de acordo com o dicionário Houaiss da língua portuguesa, traz sua premissa como uma peça com que se cobre parcial ou totalmente o rosto para ocultar a própria identidade (HOUAISS, 2001). A descrição ressalta o comportamento que define o medalhão, cuja meta é: iludir, fingir, simular condições que não se tem, noções presentes na subjacência dos seus conselhos paternos.

Esta metáfora – o medalhão é máscara social - penetrante e difusa assegura a compreensão do texto dentro de uma certa perspectiva ideológica. A construção dessa metáfora dominante é originada por expressões metafóricas – ou metonímias - como peças de um mesmo quebra-cabeça.

Assim, ao mesmo tempo em que prestamos atenção às estruturas lexicais e gramaticais feitas na microestrutura do texto, a análise revela essas estruturas dentro de um enquadre de uma metáfora que não só permeia e domina todo o conto, mas também forma a espinha dorsal da sua estrutura argumentativa, na macroestrutura do discurso.

O que se salienta nessa análise multinivelada é a preponderância de certas suposições de natureza ideológica, que, embora não formem parte da estrutura formal do texto, são aspectos de interpretação sub-repticiamente insinuados no subtexto do texto. A análise, portanto, não pode restringir-se a unidades gramaticais como sentenças ou estruturas menores do texto.

5 DISCUSSÃO GERAL DA ANÁLISE

Esta dissertação de mestrado analisa a ironia que perpassa os diálogos entre pai e filho, no conto *Teoria do Medalhão*, de Machado de Assis, para assim, entender o modo como o autor constrói psicologicamente seus personagens e, por meio deles, lançar um olhar crítico aos costumes e comportamentos de sua época.

A obra toca em temáticas universais como o preconceito, a hipocrisia, as convenções sociais, o ciúme, a ganância, a usura e a aparência sobre a essência, e o faz por meio da ironia. A meta do enquadre irônico de um significado é a entrega de uma avaliação implícita e um convite ao leitor/audiência para compartilhar da perspectiva do ironizador. Isso torna a ironia especialmente adequada para a tarefa de expressar a crítica.

Resgato a seguir as perguntas de pesquisa que nortearam a proposta desse trabalho:

- (a) De que forma, as escolhas lexicogramaticais do texto relacionam-se com a ideologia subjacente da macroestrutura do discurso?
- (b) Qual é o papel da ironia na construção da crítica social em *Teoria do Medalhão*?
- (c) Qual é o papel da relação entre metonímia e metáfora nessa construção?

As escolhas feitas na microestrutura do texto revelam a existência de uma metáfora que orienta a compreensão do conto sob uma determinada perspectiva. Em outras palavras, essa metáfora constitui a mensagem que Machado de Assis propõe ao leitor, a definição do que ele entende por medalhão. Assim, o diálogo entre pai e filho – pai experiente e filho imaturo – colocam-se no lugar de Machado e do leitor, este a quem se destina a mensagem do autor.

Mas tudo é feito por meio da ironia, cujo potencial subversivo reside no fato de que, enquanto um comentário irônico pode também estar intimamente relacionado a formas dominantes de falar sobre algum evento, ele simultaneamente vai além e subverte as próprias atitudes e opiniões que cita.

De acordo com Clift (1999, p. 523), a compreensão da ironia envolve a percepção de dois aspectos do significado ao mesmo tempo. A ironia pode, assim, encorajar os leitores a se conscientizarem e avaliarem o que seria, de outro modo,

aceito sem questionamento: assim, essa consciência não precisa inventar uma linguagem de dissensão completamente nova.

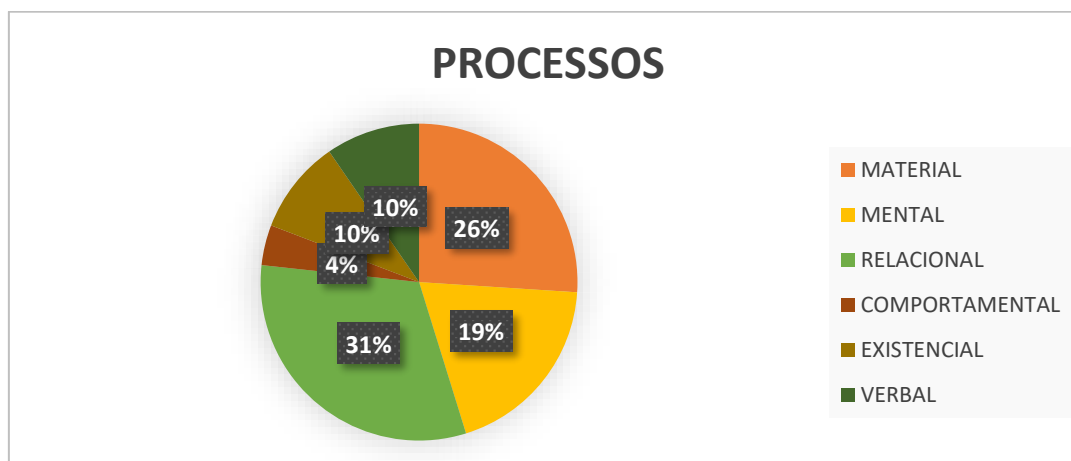
Segundo Dirce Côrtes Riedel, o medalhão “é uma metáfora-programa, que se concretiza no comportamento da maioria dos personagens machadianos que alcançaram prestígio social, e levantaram-se acima da obscuridade comum” (RIEDEL, 1974, p. 95), o comportamento, neste conto, é personificado e torna-se um terceiro personagem, o exemplo, o molde de sucesso e prestígio a ser seguido por Janjão.

No transcorrer do diálogo, confirma-se o significado pejorativo o termo medalhão, que conta, para tanto, do *frame* metonímico do leitor, presente nas escolhas lexicogramaticais feitas pelo autor. O medalhão, que para o filho seria um modelo a ser seguido, um ofício digno e útil, é desconstruído no nível do discurso, por meio da ironia, momento em que ocorre sua real resignificação. A mensagem ideológica insinuada no subtexto do texto, ou seja, no discurso, possibilita ao leitor valer-se do seu *frame* chegar à metáfora do medalhão como máscara social.

5.1 Análise da transitividade

A análise da transitividade – em termos de quantidade – apresenta os seguintes resultados, de acordo com o gráfico 1.

Gráfico 1- Relação de processos em Teoria do Medalhão



Fonte: Cunha (2021)

Os processos relacionais, que servem para caracterizar uma entidade, aparecem em maior quantidade nos trechos analisados, pois servem justamente para demonstrar a intenção do autor de, por meio deles, caracterizar o pai – crítico mordaz da figura do medalhão – que usa da ironia para se expressar. Também é por meio desses processos que o autor desenha a personalidade inocente e crédula do jovem filho. Essa contraposição mostra a realidade que governa a sociedade, em que a vida acaba transformando os bem-intencionados em seres descrentes e desconfiados do outro. É o que se vê na fala do pai sobre o medalhão: "ofício útil e cabido", "sonho da mocidade", "esperança" e a desconstrução do filho como, "ideias, melhor não as ter absolutamente", "dotado da perfeita inópia mental", "repetes numa sala as opiniões ouvidas numa esquina e vice-versa".

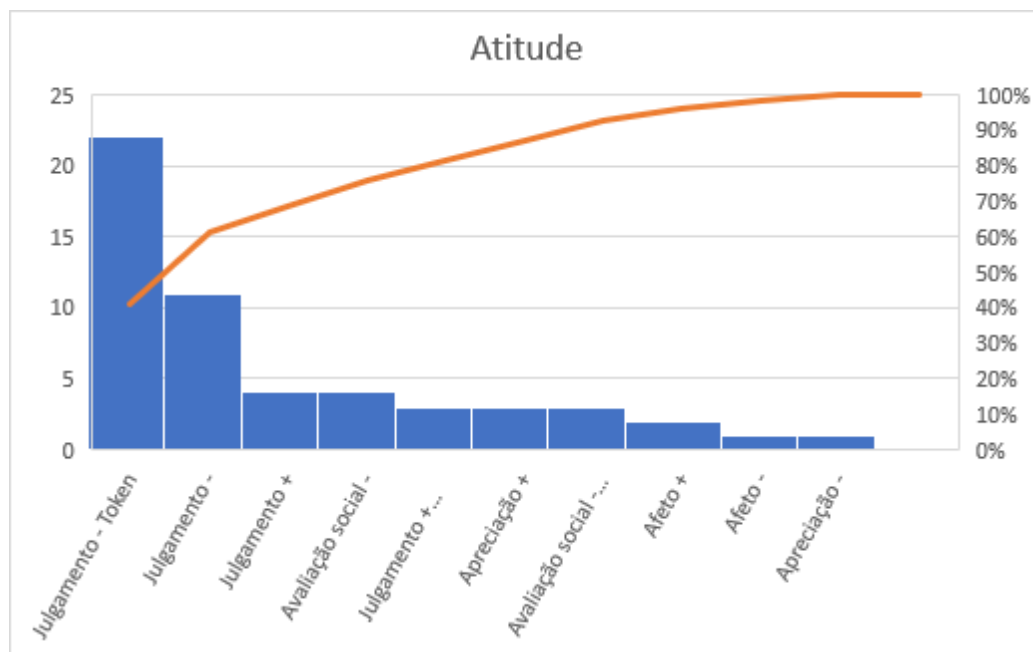
Estas escolhas mostram o pai, já vivido e experiente, conhecedor da realidade pouco nobre que cerca a vida do medalhão, que tenta desconstruir as ideias ainda inocentes do filho bem-intencionado. O filho seríamos nós, os leitores, a quem Machado tenta mostrar o que se esconde por trás da pompa e riqueza de alguns membros da sociedade. Dessa forma, Machado de Assis constrói uma crítica mordaz à sociedade da época, que, aliás, pode servir à época contemporânea.

Essas questões expressas até aqui têm a contraparte de dados em porcentagens revelados por meio dos resultados da análise da transitividade e da avaliatividade, mostrados a seguir:

5.2 Análise da avaliatividade

A análise da avaliatividade, termos de atitude, em relação à quantidade – apresenta os seguintes resultados, de acordo com o gráfico 2.

Gráfico 2 – Análise da Atitude



Fonte: Cunha (2021)

Retomando a noção do Julgamento, um dos componentes da avaliatividade que serve para avaliar eticamente o comportamento humano com referência a normas que regem como as pessoas devem ou não agir. Não causa surpresa o fato de o julgamento comparecer com altas porcentagens, pois o conto refere-se às questões éticas que cercam o medalhão.

Assim, pode-se observar que o julgamento negativo avalia de forma expressiva o comportamento, ambições e características do filho. Das quarenta e sete avaliações que ocorrem nos trechos analisados 33% são julgamentos negativos e, deste total, 22% apresentam-se de forma evocada, ou seja, implícita, como *tokens* de atitude, que, por meio da ironia, traz dupla perspectiva, invocando simultaneamente tanto o que é, quanto o que deveria ser.

Assim, no conto *Teoria do medalhão*, fica implícito na fala do pai suas percepções sobre Janjão, que ocorrem sob a avaliação de Julgamento (-) para o comportamento, ambições e características do filho, quando há um julgamento (+) é sob a forma de *Token*, que dependendo do *frame* do leitor/audiência denota significado diferente do que está explícito.

Neste sentido, algumas questões podem ser levantadas diante da leitura; seria

esse o discurso de um pai preocupado com o futuro de seu filho? O rompimento daquilo que se espera da figura paterna está apoiado na subjetividade do discurso, que aporta a crítica social quando favorece a construção da grande metáfora? Seria o pai que dialoga com o filho ou o autor que dialoga com a sociedade?

A seriedade com que o pai trata o tema, contribui fortemente para o caráter irônico do texto, que aliado à metáfora, é revelado ao longo da trama. A crítica fundamenta-se sobre uma sociedade superficial e rasa, cujas aspirações por poder, notabilidade e relações privilegiadas subjazem a decência, a moralidade e as virtudes. No conto observa-se o culto à aparência e a negação ao pensar como ideal de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso traçado ao longo dessa dissertação, possibilitou a reflexão sobre muitos conceitos linguísticos, mediante a Linguística Sistemico-Funcional e a Linguística Crítica. Pude perceber o impacto das escolhas lexicogramaticais realizadas pelo autor na construção da crítica social, essas escolhas, por não se tratarem apenas de recursos estilísticos e estruturais, ressignificam a mensagem em sua subjacência.

Também, faz-se necessário a presença da avaliatividade - em sua manifestação explícita, bem como implícita - que percorre o texto via metarrelações e revela por meio das personagens o olhar crítico do autor, sobre os costumes e comportamentos da sociedade de sua época.

Assim, para a análise do conto *Teoria do medalhão*, examina-se as falas do pai, a fim de entender a construção desta personagem - o medalhão – de comportamento personificado e caricato que é construído pouco a pouco na mente do interlocutor.

Como pesquisadora na área de Linguística Aplicada, essa leitura me fez refletir sobre algumas temáticas universais aqui abordadas, como o preconceito, a hipocrisia, as convenções sociais, o ciúme, a ganância, a usura e a aparência sobre a essência; também sobre o papel da ironia para o desdobramento vantajoso, cercado de subjetividade advertido pelo realismo machadiano para expressar e fundamentar a crítica social.

As contribuições deste trabalho estão alicerçadas nas relações entre texto e discurso para a partir delas compreender e decodificar mensagens muitas vezes escamoteadas, possibilidade que uma leitura passiva pode não oferecer. Como professora, abordar essa intravisão em sala de aula, permitirá ao alunado um posicionamento crítico para interpretar aspectos contidos no texto.

Diante disso, tive a oportunidade de repensar a minha prática docente, no sentido de proporcionar aos meus alunos a possibilidade de formação de leitores capazes de interagir com o texto, fazendo assim uma leitura desmistificada, ativa e significativa. A narrativa pode ser compreendida por meio de dois tipos de subjetividade - intersubjetividade (a capacidade de “sentir com” um personagem) e a supersubjetividade (a capacidade de “supervisionar” um personagem e avaliar

eticamente suas ações.

Analisar uma obra machadiana é sempre um desafio de grande responsabilidade, não só pela excelência literária do autor, mas por todo o rigor e criticidade contido em seu discurso, esse estudo proporcionou-me momentos de muito crescimento, satisfação e contentamento pelas descobertas realizadas no texto.

Por fim, espero que este trabalho possa incentivar novas pesquisas que contribuam para um melhor entendimento da linguagem, conseqüentemente do mundo e também para a formação de cidadãos mais críticos e participativos.

REFERÊNCIAS

ASSIS, J. M. M. de. *Teoria do Medalhão*. Obras Completas de Machado de Assis, Papéis Avulsos, Teoria do Medalhão – W.M Jackson INC. Editora Brasileira Ltda – Dimensão - São Paulo – 1970.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Hucitec, 1981 [1935].

BAKHTIN, M. (1952-1953) Os gêneros do discurso. In.: *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, M. (1953) The problem of speech genres. In: Bakhtin, M. M. *Speech genres and other late essays*. Translated by Vern W. McGee. University of Texas Press, 1986.

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CALDAS-COULTHARD, C. R. *Man in the news: the misrepresentation of women speaking in news-as-narrative discourse*. In: MILLS, S. (org.) *Language and Gender*. Londres: Routledge, 1995.

CAMERON, D. *Feminism and linguistic theory*. Londres: Macmillan, 1985.

CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.

CANDIDO, A. *Vários Escritos*. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas cidades/Ouro sobre azul, 2004.

CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. 11 ed. – Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CARDOZO, M. *Manual para apresentação de trabalhos acadêmicos da PUC-SP* / org. Marlene Cardozo. São Paulo: Biblioteca Nadir Gouvêa Kfour, 2019.

CHARTERIS-BLACK, J. *Corpus approaches to critical metaphor analysis*. London: Palgrave Macmillan, 2004.

CLIFT, R. *Irony in conversation*. Language in society. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

COULTHARD, M. *An introduction to discourse analysis*. Londres: Longmann, 1996.

DIRVEN, R.; FRANK, R; ILIE, C. *Language and ideology*. Descriptive cognitive approaches, v. 2, Amsterdam: John Benjamins, 2001.

EL REFAIE, E. *Our purebred ethnic compatriot's irony in newspaper journalism*.

Journal of Pragmatics, 37.6, 2005, p. 781-797.

FAIRCLOUGH, N. *Making text talk. Theory into Practice*, 28.2, 1989, p.136-141.

FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992.

FAIRCLOUGH, N. *Media discourse*. London: Edward Arnold, 1995.

FAORO, R. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. 3. ed. Rio de Janeiro : Globo, 1988.

FIRBAS, Jan. *Some aspects of the Czechoslovak approach to problems of Functional Sentence Perspective*. Mimeo, 1974.

FOWLER, R.; HODGE, B.; KRESS, G.; TREW, T. *Language and control*. Londres: Routledge, 1979.

FOWLER, R. *Language in the News: discourse and ideology in the press*. Routledge, 1991.

FOWLER, R. *Linguistic criticism*. 2. ed. Oxford: Oxford UP, 1996.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2014.

GOATLY, A. *The language of metaphors*. London: Routledge, 1997.

GOFFMAN, E. *Gender advertisements*. Semiotica, v. 25, Issue 1-2, 1979. Disponível em: <http://www.degruyter.com/view/j/semi.1979.25.issue12/semi.1979.25.12.1/semi.1979.25.1-2.1.xml> Acesso em: 20 nov. 2019.

GOTLIB, N. B. *Teoria do Conto*. 11. Ed. – São Paulo: Ática, 2006.

HALLIDAY, M.A.K. *Language as a Social Semiotic*. Londres: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language: Context and text*. Geelong, Vic.: Deakin University, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Introduction to functional grammar*. London: Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An Introducing functional grammar*. New York: Edward Arnold, 2004.

HODGE, R., KRESS, G. *Social semiotics*. London: Polity Press, 1988.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

IKEDA, S.; SAPARAS, M. *Metáfora cultural: persuasão e revelação*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2017.

KITIS, E.; MILAPIDES, M. *Read it and believe it: How metaphor constructs ideology in news discourse - A case study*. Journal of Pragmatics, v. 28, p. 557-590, 1997.

KÖVECSES, Z. M. *A practical introduction*. New York: Oxford University Press:2005.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. The contemporary theory of metaphor. In: *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LAKOFF, G. *Moral politics: how liberals and conservatives think*. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: Chicago University Press. 1980.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basics Books, 1999.

LANGACKER, R. W. *Reference-point constructions*. Cognitive Linguistics, v 4, p. 138, 1993.

LEMKE, J. *Social semiotics: a new model for literacy education*. In: BLOOME, D. (org.) *Classrooms and literacy*. Norwood: Ablex Publishing, 1989.

LEMKE, J. *Interpersonal meaning in discourse: value orientations*. In: DAVIES, M.; RAVELLI, L. (org.) *Advances in Systemic Linguistics: recent theory and practice*. Londres: Pinter, 1992.

LEMKE, J. *Resources for attitudinal meaning: Evaluative orientations in text semantics*. Functions of Language, 5.1, p.33-56, 1998.

LI, J. *Transitivity and lexical cohesion: Press representations of a political disaster and its actors*. Journal of Pragmatics, v. 42. n. 12, p. 3444-3458, 2010.

LUCHJENBROERS, J.; ALDRIDGE, M. *Conceptual manipulation by metaphors and frames: Dealing with rape victims in legal discourse*. Text & Talk, v.27, n.3. 2007.

MACKEN-HORARIK, M. *Construing the invisible: specialized literacy in junior secondary English*. Sidnei: University of Sydney Press, 1996.

MACKEN-HORARIK, M. *Appraisal and the special instructiveness of narrative*. 2003.

MARTIN, J. R. Beyond Exchange: Appraisal system in English. In: Hunston, S. e Thompson, G. *Evaluation in text: Authorial stance and the construction of discourse*.

Oxford: Oxford University Press. 2000.

MARTIN, J. R.; MATHIESSEN, C.; PAINTER, C. *Working with functional grammar*. London: Arnold, 1997.

MARTIN, J. R.; WHITE. P. R. *The language of evaluation*. Palgrave Macmillan, 2003.

MARTIN, J. R.; WHITE. P.R. *The language of evaluation: Appraisal in English*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MATHESIOUS, V. *Čestina a obecný jazykozpyt*, Praga: Melantrich, 1947

MINSKY, M. *A Framework for Representing Knowledge: the psychology of computer vision*. New York: McGraw-Hill, 1975.

MONTEFUSCO, R. M. *A crítica social em Capitães de Areia: um enfoque da Gramática Sistêmico-Funcional*. 2015. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, 2015. 77 f.

MONTENEGRO. M. do S.S. *Missa do galo, de Machado de Assis, e a avaliatividade implícita: um enfoque da Linguística Sistêmico-Funcional*. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, 2018, 76 f..

MUECKE, D. C. *Ironia e o irônico*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1995.

MUJIC, B. K. *Linguistic and pictorial metonymy in advertising*. Madri: Universidad Rey Juan Carlos, 2009.

PANTHER, K.; RADDEN, G. THORNBURG, L. *The role of conceptual metonymy in meaning construction*. Metaphoric, v.6. 2004.

PÊCHEUX, M. *Línguas e instrumentos linguísticos*. Campinas, Pontes, 1982.

PEREIRA, L. M. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 4.ed. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira, 1949.

RADDEN, G.; KOVECSES, Z. *Towards a theory of metonymy*. In: *Metonymy in language and thought*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

REGINATO, G. *Empatia e ética: avaliatividade no conto Negrinha: um enfoque da Linguística Sistêmico-Funcional*. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, 2019. 78 f.

RIEDEL, D. C. *Metáfora, o espelho de Machado de Assis*. São Paulo. 2ª ed. 1979.

ROTHERY, J.; MARTIN, J. R. *Writing project report*. Sidnei: University of Sydney Press, 1994.

SCANNELL, P. *Media – language – world*. In: BELL, A.; GARRETT, P. (org.) *Approaches to media discourse*. Oxford: Blackwell Publishers, 1991.

SCHWARZ, R. (1989) *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras.

SILVA, A. S. *O poder cognitivo da metáfora*. Revista Portuguesa de Humanidades, v. II, 2003.

SODRÉ, N. W. In: PERROT, A. C. *Machado de Assis e a ironia: estilo e visão de mundo*. 2006. 230 f. Tese de Doutorado em Literatura Brasileira. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/8575>. Acesso em: 15 out. 2020.

SLOBIN, D. I. *Psicolinguística*. SP: Companhia Editora Nacional e Editora da USP.

TAYLOR, J. *Linguistic categorization: Prototypes in linguistic theory*. Oxford: Clarendon Press, 1995.

THOMPSON, G. *Resonance in text*. In: SANCHEZ-MACARRO, A.; CARTER, R. (org) *Linguistic choice across genres: variation in spoken and written English*. Amsterdã: John Benjamins, 1998.

THIBAUT, P. J. *Semantic variation, social heteroglossia, intertextuality: thematic and axiological meaning in spoken discourse*. *Critical Studies*, 2.1, 1989, p. 181-209.

THIBAUT, P. J. *Social semiotic as praxis: Text, Social Meaning Making and Nabokov's 'Ada'*, Minneapolis: University of Minneapolis Press, 1991.

VAN DIJK, T. *Handbook of Discourse Analysis*. Londres: Academic Press. vol. 4, *Discourse Analysis in Society*, 1985.

VAN DIJK, T.A. *News analysis: case studies of international and national news in the press*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1988.

VAN DIJK, T.A. *Elite Discourse and Racism*. Newbury Park, CA: Sage, 1993.

VELASCO-SACRITÁN, M. *Metonymic grounding of ideological metaphors: evidence from advertising gender metaphors*. *Journal of Pragmatics*, v. 42. 2010.

VENTOLA, E. *The structure of social interaction: a systemic approach to the semiotics of service encounters*. London: Pinter, (1987).

VILLAÇA, Alcides. Janjão e Maquiavel: a “Teoria do Mealhão”. In: GUIDIN, M.L.; GRANJA, L.; RICIERI, F.W (orgs). *Machado de Assis: ensaios da crítica contemporânea*. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

WEIL, H. *De l'ordre des mots dans les langues anciennes comparées aux langues*

modernes. Monograph, 1844.

WHITE, P.R.P. *Beyond modality and hedging: A dialogue view of the language of intersubjective stance*. 2003.

YULE, G. *The study of language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

ANEXO

TEORIA DO MEDALHÃO

Diálogo

Machado de Assis

- Estás com sono?
- Não, senhor.
- Nem eu; conversemos um pouco. Abre a janela. Que horas são?
- Onze.
- Saiu o ultimo conviva do nosso modesto jantar. Com que meu peralta, chegastes aos teus vinte e um anos. Há vinte e um anos, no dia 5 de agosto de 1854, vinhas tu à luz, um pirralho de nada, e estás homem, longos bigodes, alguns namoros...
- Papai...
- Não te ponhas com denguiques, e falemos como dois amigos sérios. Fecha aquela porta; vou dizer-te coisas importantes. Senta-te e conversemos. Vinte e um anos, algumas apólices, um diploma, podes entrar no parlamento, na magistratura, na imprensa, na lavoura, na indústria, no comércio, nas letras ou nas artes. Há infinitas carreiras diante de ti. Vinte e um anos, meu rapaz, formam apenas a primeira sílaba do nosso destino. Os mesmos Pitt e Napoleão, apesar de precoces, não foram tudo aos vinte e um anos. Mas qualquer que seja a profissão da tua escolha, o meu desejo é que te faças grande e ilustre, ou pelo menos notável, que te levantes acima da obscuridade comum. A vida, Janjão, é uma enorme loteria; os prêmios são poucos, os malogrados inúmeros, e com os suspiros de uma geração é que se amassam as esperanças de outra. Isto é a vida; não há planger, nem imprecicar, mas aceitar as coisas integralmente, com seus ônus e percalços, glórias e desdouros, e ir por diante.
- Sim, senhor.
- Entretanto, assim como é de boa economia guardar um pão para a velhice, assim também é de boa prática social acautelar um ofício para a hipótese de que os outros falhem, ou não indenizem suficientemente o esforço da nossa ambição. É isto o que te aconselho hoje, dia da tua maioridade.
- Creia que lhe agradeço; mas que ofício, não me dirá?
- Nenhum me parece mais útil e cabido que o de medalhão. Ser medalhão foi o sonho da minha mocidade; faltaram-me, porém, as instruções de um pai, e acabo como vês, sem outra consolação e relevo moral, além das esperanças que deposito em ti. Ouve-me bem, meu querido filho, ouve-me e entende. És moço, tens naturalmente o ardor, a exuberância, os improvisos da idade; não os rejeites, mas modera-os de modo que aos quarenta e cinco anos possas entrar francamente no regime do aprumo e do compasso. O sábio que disse: "a gravidade é um mistério do corpo", definiu a compostura do medalhão. Não confundas essa gravidade com aquela outra que, embora resida no aspecto, é um puro reflexo ou emanção do espírito; essa é do corpo, tão-somente do corpo, um sinal da natureza ou um jeito da vida. Quanto à idade de quarenta e cinco anos...
- É verdade, por que quarenta e cinco anos?
- Não é, como podes supor, um limite arbitrário, filho do puro capricho; é a data normal do fenómeno. Geralmente, o verdadeiro medalhão começa a manifestar-se entre os quarenta e cinco e cinquenta anos, conquanto alguns exemplos se deem entre os cinquenta e cinco e os sessenta; mas estes são raros. Há os também de quarenta anos, e outros mais precoces, de trinta e cinco e de trinta; não são, todavia, vulgares. Não falo dos de vinte e cinco anos: esse madrugalar é privilégio do gênio.
- Entendo.
- Venhamos ao principal. Uma vez entrado na carreira, debes pôr todo o cuidado nas ideias que houveres de nutrir para uso alheio e próprio. O melhor será não as ter absolutamente; coisa que entenderás bem, imaginando, por exemplo, um ator defraudado do uso de um braço. Ele pode, por um milagre de artifício, dissimular o defeito aos olhos da plateia; mas era muito melhor dispor dos dois. O mesmo se dá com as ideias; pode-se, com violência, abafá-las, escondê-las até à morte; mas nem essa habilidade é comum, nem tão constante esforço conviria ao exercício da vida.
- Mas quem lhe diz que eu...
- Tu, meu filho, se me não engano, pareces dotado da perfeita inófia mental, conveniente ao uso deste nobre ofício. Não me refiro tanto à fidelidade com que repetes numa sala as opiniões ouvidas numa esquina, e vice-versa, porque esse fato, posto indique certa carência de ideias,

ainda assim pode não passar de uma traição da memória. Não; refiro-me ao gesto correto e perfilado com que usas expender francamente as tuas simpatias ou antipatias acerca do corte de um colete, das dimensões de um chapéu, do ranger ou calar das botas novas. Eis aí um sintoma eloquente, eis aí uma esperança. No entanto, podendo acontecer que, com a idade, venhas a ser afligido de algumas ideias próprias, urge aparelhar fortemente o espírito. As ideias são de sua natureza espontâneas e súbitas; por mais que as sofremos, elas irrompem e precipitam-se. Daí a certeza com que o vulgo, cujo faro é extremamente delicado, distingue o medalhão completo do medalhão incompleto.

- Creio que assim seja; mas um tal obstáculo é invencível.

- Não é; há um meio; é lançar mão de um regime debilitante, ler compêndios de retórica, ouvir certos discursos, etc. O voltarete, o dominó e o whist são remédios aprovados. O whist tem até a rara vantagem de acostumar ao silêncio, que é a forma mais acentuada da circunspecção. Não digo o mesmo da natação, da equitação e da ginástica, embora elas façam repousar o cérebro; mas por isso mesmo que o fazem repousar, restituem-lhe as forças e a atividade perdidas. O bilhar é excelente.

- Como assim, se também é um exercício corporal?

- Não digo que não, mas há coisas em que a observação desmente a teoria.

Se te aconselho excepcionalmente o bilhar é porque as estatísticas mais escrupulosas mostram que três quartas partes dos habituados do taco partilham as opiniões do mesmo taco. O passeio nas ruas, mormente nas de recreio e parada, é utilíssimo, com a condição de não andares desacompanhado, porque a solidão é oficina de ideias, e o espírito deixado a si mesmo, embora no meio da multidão, pode adquirir uma tal ou qual atividade.

- Mas se eu não tiver à mão um amigo apto e disposto a ir comigo?

- Não faz mal; tens o valente recurso de mesclar-te aos pasmatórios, em que toda a poeira da solidão se dissipa. As livrarias, ou por causa da atmosfera do lugar, ou por qualquer outra, razão que me escapa, não são propícias ao nosso fim; e, não obstante, há grande conveniência em entrar por elas, de quando em quando, não digo às ocultas, mas às escâncaras. Podes resolver a dificuldade de um modo simples: vai ali falar do boato do dia, da anedota da semana, de um contrabando, de uma calúnia, de um cometa, de qualquer coisa, quando não prefiras interrogar diretamente os leitores habituais das belas crônicas de Mazade; 75 por cento desses estimáveis cavalheiros repetir-te-ão as mesmas opiniões, e uma tal monotonia é grandemente saudável. Com este regime, durante oito, dez, dezoito meses - suponhamos dois anos, - reduces o intelecto, por mais pródigo que seja, à sobriedade, à disciplina, ao equilíbrio comum. Não trato do vocabulário, porque ele está subentendido no uso das ideias; há de ser naturalmente simples, túbio, apoucado, sem notas vermelhas, sem cores de clarim...

- Isto é o diabo! Não poder adornar o estilo, de quando em quando...

- Podes; podes empregar umas quantas figuras expressivas, a hidra de Lerna, por exemplo, a cabeça de Medusa, o tonel das Danaides, as asas de Ícaro, e outras, que românticos, clássicos e realistas empregam sem desar, quando precisam delas. Sentenças latinas, ditos históricos, versos célebres, brocados jurídicos, máximas, é de bom aviso trazê-los contigo para os discursos de sobremesa, de felicitação, ou de agradecimento. *Caveant consules* é um excelente fecho de artigo político; o mesmo direi do *Si vis pacem para bellum*. Alguns costumam renovar o sabor de uma citação intercalando-a numa frase nova, original e bela, mas não te aconselho esse artifício: seria desnaturar-lhe as graças vetustas. Melhor do que tudo isso, porém, que afinal não passa de mero adorno, são as frases feitas, as locuções convencionais, as fórmulas consagradas pelos anos, incrustadas na memória individual e pública. Essas fórmulas têm a vantagem de não obrigar os outros a um esforço inútil. Não as relaciono agora, mas fá-lo-ei por escrito. De resto, o mesmo ofício te irá ensinando os elementos dessa arte difícil de pensar o pensado. Quanto à utilidade de um tal sistema, basta figurar uma hipótese. Faz-se uma lei, executa-se, não produz efeito, subsiste o mal. Eis aí uma questão que pode aguçar as curiosidades vadias, dar ensejo a um inquérito pedantesco, a uma coleta fastidiosa de documentos e observações, análise das causas prováveis, causas certas, causas possíveis, um estudo infinito das aptidões do sujeito reformado, da natureza do mal, da manipulação do remédio, das circunstâncias da aplicação; matéria, enfim, para todo um andaime de palavras, conceitos, e desvarios. Tu poupas aos teus semelhantes todo esse imenso aranzel, tu dizes simplesmente: Antes das leis, reformemos os costumes! - E esta frase sintética, transparente, límpida, tirada ao pecúlio comum, resolve mais depressa o problema, entra pelos espíritos como um jorro súbito de sol.

- Vejo por aí que vosmecê condena toda e qualquer aplicação de processos modernos.

- Entendamo-nos. Condeno a aplicação, louvo a denominação. O mesmo direi de toda a recente terminologia científica; deves decorá-la. Conquanto o rasgo peculiar do medalhão seja uma certa atitude de deus Término, e as ciências sejam obra do movimento humano, como tens de ser medalhão mais tarde, convém tomar as armas do teu tempo. E de duas uma: - ou elas estarão usadas e

divulgadas daqui a trinta anos, ou conservar-se-ão novas; no primeiro caso, pertencem-te de foro próprio; no segundo, podes ter a coquette de as trazer, para mostrar que também és pintor. De outiva, com o tempo, irás sabendo a que leis, casos e fenômenos responde toda essa terminologia; porque o método de interrogar os próprios mestres e oficiais da ciência, nos seus livros, estudos e memórias, além de tedioso e cansativo, traz o perigo de inocular ideias novas, e é radicalmente falso. Acresce que no dia em que viesses a assenhorear-te do espírito daquelas leis e fórmulas, serias provavelmente levado a empregá-las com um tal ou qual comedimento, como a costureira esperta e afreguesada, - que, segundo um poeta clássico, Quanto mais pano tem, mais poupa o corte, Menos monte alardeia de retalhos; e este fenômeno, tratando-se de um medalhão, é que não seria científico.

- Upa! que a profissão é difícil!

- E ainda não chegamos ao cabo.

- Vamos a ele.

- Não te falei ainda dos benefícios da publicidade. A publicidade é uma dona loureira e senhoril, que tu deves requestar à força de pequenos mimos, confeitos, almofadinhas, coisas miúdas, que antes exprimem a constância do afeto do que o atrevimento e a ambição. Que D. Quixote solicite os favores dela mediante, ações heroicas ou custosas, é um sestro próprio desse ilustre lunático. O verdadeiro medalhão tem outra política. Longe de inventar um Tratado científico da criação dos carneiros, compra um carneiro e dá-o aos amigos sob a forma de um jantar, cuja notícia não pode ser indiferente aos seus concidadãos. Uma notícia traz outra; cinco, dez, vinte vezes põe o teu nome ante os olhos do mundo. Comissões ou deputações para felicitar um agraciado, um benemérito, um forasteiro, têm singulares merecimentos, e assim as irmandades e associações diversas, sejam mitológicas, cinegéticas ou coreográficas. Os sucessos de certa ordem, embora de pouca monta, podem ser trazidos a lume, contanto que ponham em relevo a tua pessoa. Explico-me. Se caíres de um carro, sem outro dano, além do susto, é útil mandá-lo dizer aos quatro ventos, não pelo fato em si, que é insignificante, mas pelo efeito de recordar um nome caro às afeições gerais. Percebeste?

-Percebi.

- Essa é publicidade constante, barata, fácil, de todos os dias; mas há outra. Qualquer que seja a teoria das artes, é fora de dúvida que o sentimento da família, a amizade pessoal e a estima pública instigam à reprodução das feições de um homem amado ou benemérito. Nada obsta a que sejas objeto de uma tal distinção, principalmente se a sagacidade dos amigos não achar em ti repugnância. Em semelhante caso, não só as regras da mais vulgar polidez mandam aceitar o retrato ou o busto, como seria desazado impedir que os amigos o expusessem em qualquer casa pública. Dessa maneira o nome fica ligado à pessoa; os que houverem lido o teu recente discurso (suponhamos) na sessão inaugural da União dos Cabeleireiros, reconhecerão na composição das feições o autor dessa obra grave, em que a "alavanca do progresso" e o "suor do trabalho" vencem as "faucês hiantes" da miséria. No caso de que uma comissão te leve a casa o retrato, deves agradecer-lhe o obséquio com um discurso cheio de gratidão e um copo d'água: é uso antigo, razoável e honesto. Convidarás então os melhores amigos, os parentes, e, se for possível, uma ou duas pessoas de representação. Mais. Se esse dia é um dia de glória ou regozijo, não vejo que possas, decentemente, recusar um lugar à mesa aos repórteres dos jornais. Em todo o caso, se as obrigações desses cidadãos os retiverem noutra parte, podes ajudá-los de certa maneira, redigindo tu mesmo a notícia da festa; e, dado que por um tal ou qual escrúpulo, aliás desculpável, não queiras com a própria mão anexar ao teu nome os qualificativos dignos dele, incumbe a notícia a algum amigo ou parente.

- Digo-lhe que o que vosmecê me ensina não é nada fácil.

- Nem eu te digo outra coisa. É difícil, come tempo, muito tempo, leva anos, paciência, trabalho, e felizes os que chegam a entrar na terra prometida! Os que lá não penetram, engole-os a obscuridade. Mas os que triunfam! E tu triunfarás, crê-me. Verás cair as muralhas de Jericó ao som das trompas sagradas. Só então poderás dizer que estás fixado. Começa nesse dia a tua fase de ornamento indispensável, de figura obrigada, de rótulo. Acabou-se a necessidade de farejar ocasiões, comissões, irmandades; elas virão ter contigo, com o seu ar pesadão e cru de substantivos desajetivados, e tu serás o adjetivo dessas orações opacas, o odorífero das flores, o anilado dos céus, o prestimoso dos cidadãos, o noticioso e succulento dos relatórios. E ser isso é o principal, porque o adjetivo é a alma do idioma, a sua porção idealista e metafísica. O substantivo é a realidade nua e crua, é o naturalismo do vocabulário.

- E parece-lhe que todo esse ofício é apenas um sobressalente para os déficits da vida?

- Decerto; não fica excluída nenhuma outra atividade.

- Nem política?

- Nem política. Toda a questão é não infringir as regras e obrigações capitais. Podes pertencer a qualquer partido, liberal ou conservador, republicano ou ultramontano, com a cláusula única de não ligar nenhuma ideia especial a esses vocábulos, e reconhecer-lhe somente a utilidade do scibboleth

bíblico.

- Se for ao parlamento, posso ocupar a tribuna?
 - Podes e deves; é um modo de convocar a atenção pública. Quanto à matéria dos discursos, tens à escolha: - ou os negócios miúdos, ou a metafísica política, mas prefere a metafísica. Os negócios miúdos, força é confessá-lo, não desdizem daquela chateza de bom-tom, própria de um medalhão acabado; mas, se puderes, adota a metafísica; - é mais fácil e mais atraente. Supõe que desejas saber por que motivo a 7ª companhia de infantaria foi transferida de Uruguaiana para Canguçu; serás ouvido tão-somente pelo ministro da guerra, que te explicará em dez minutos as razões desse ato. Não assim a metafísica. Um discurso de metafísica política apaixona naturalmente os partidos e o público, chama os apartes e as respostas. E depois não obriga a pensar e descobrir. Nesse ramo dos conhecimentos humanos tudo está achado, formulado, rotulado, encaixotado; é só prover os alforjes da memória. Em todo caso, não transcendas nunca os limites de uma invejável vulgaridade.

- Farei o que puder. Nenhuma imaginação?
 - Nenhuma; antes fazes correr o boato de que um tal dom é ínfimo.
 - Nenhuma filosofia?
 - Entendamo-nos: no papel e na língua alguma, na realidade nada. "Filosofia da história", por exemplo, é uma locução que deves empregar com frequência, mas proíbo-te que chegues a outras conclusões que não sejam as já achadas por outros. Foge a tudo que possa cheirar a reflexão, originalidade, etc., etc.

- Também ao riso?
 - Como ao riso?
 - Ficar sério, muito sério...
 - Conforme. Tens um gênio folgazão, prazenteiro, não hás de sofreá-lo nem eliminá-lo; podes brincar e rir alguma vez. Medalhão não quer dizer melancólico. Um grave pode ter seus momentos de expansão alegre. Somente, - e este ponto é melindroso...

- Diga...
 - Somente não deves empregar a ironia, esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência, contraído por Luciano, transmitido a Swift e Voltaire, feição própria dos cépticos e desabusados. Não. Usa antes a chalaça, a nossa boa chalaça amiga, gorducha, redonda, franca, sem biocos, nem véus, que se mete pela cara dos outros, estala como uma palmada, faz pular o sangue nas veias, e arrebentar de riso os suspensórios. Usa a chalaça. Que é isto?

- Meia-noite.
 - Meia-noite? Entras nos teus vinte e dois anos, meu peralta; estás definitivamente maior. Vamos dormir, que é tarde. Rumina bem o que te disse, meu filho. Guardadas as proporções, a conversa desta noite vale o Príncipe de Machiavelli. Vamos dormir.